

**Neil Smith, 1954-2012:
Geografia Radical, Geógrafo Marxista, Geógrafo Revolucionário**

**Neil Smith, 1954-2012: Radical Geography, Marxist Geographer, Revolutionary
Geographer**

Don Mitchell

Departamento de Geografia, Universidade de Siracusa
Universidade de Nova York

Tradução:

Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP
paulobomfim@gmail.com

Clarissa Maciel Cavalcante
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA
engclarissacavalcante@gmail.com

Rosana de Campos Fernandes
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP
rosana.fernandes@aluno.ifsp.edu.br

“Acreditamos que é fácil ser brilhante, mas sempre achamos confuso ser bom.” Salman Rushdie, *Os Filhos da meia-noite* Aforismo encontrado no quadro de avisos do escritório de Neil Smith, quando ele faleceu.)

Neil Smith odiava hagiografias. Ele se oporia a elas em seus seminários de história e teoria da geografia na Universidade Rutgers, no início da década de 1990, sustentando o que ele pensava ser exemplos particularmente flagrantes: os obituários publicados nos *Anais* da Associação Americana de Geógrafos [AAG]. Para Neil Smith, as hagiografias eram a antítese do que a nossa história disciplinar deveria ser: eram acríicas e celebrativas, quando o necessário seria o compromisso com as ideias e histórias reais, que entendessem as ideias como produto de luta e erro, bem como de genialidade e *insight*. Pior ainda, as hagiografias retirariam o sujeito da história, afastando-o do mundo, como um gênio solitário, ao invés de envolvê-lo totalmente em práticas sociais (e pessoais) sinuosas, situando as ideias dentro das histórias sociais (e

peçoais) das quais elas surgiram. As hagiografias tinham pouco espaço para mostrar como o que *era* genial nas ideias de alguém poderia estar inextricavelmente ligado, de fato, ao contexto social e àquilo que seria imperfeito, ou menos aprazível, nesse sujeito. As hagiografias negavam o fato de que ideias são personificadas. Ora, as ideias de Neil eram personificadas! Inclusive, David Harvey denomina Neil como “o perfeito discípulo marxista – completamente definido pelas suas contradições”.¹

Nascido em Leith, o antigo porto de Edimburgo (Escócia), Neil foi um dos quatro filhos de um pai professor e de uma mãe dona de casa em Dalkeith, uma pequena localidade de classe trabalhadora a sudeste da cidade. Ele — que se tornaria um proeminente teórico da geografia urbana — tinha uma indefectível paixão pelo mundo natural, começando pela paisagem nativa de sua Midlothian, ligeiramente acentuada pela observação de pássaros e pela jardinagem. Jamais interessado pela acumulação de coisas por si só, fazia uma lista das aves que via e coletava os seus ovos (em anos posteriores gostava de contar como fez contrabando da sua coleção para os EUA, plantando iscas na sua bagagem, como um pedaço de bacon, para distrair os agentes aduaneiros). Profundamente solidário com o feminismo (especialmente nas suas formulações socialistas), a sua política sexual própria poderia ser perturbadora, talvez até mesmo destrutiva, às vezes. Materialista fervoroso, sempre insistiu que a luta pelas ideias era demasiadamente importante para ser deixada de lado. Quando menino, Neil era infinitamente fascinado pelas fundações vulcânicas e retrabalhos glaciais da paisagem de Midlothian — o seu “quintal”, como por vezes a denominava — bem como pela flora e fauna que ali viviam. Tinha um carinho especial pelo estuário Firth of Forth e pela costa basáltica de North Berwick. Foram os contrastes da paisagem e suas formas variáveis no espaço e no tempo que chamaram sua atenção. Esse amor pela paisagem natural levou Neil ao estudo da geografia e, quando entrou na Universidade de St. Andrews, tinha a certeza de que se tornaria um geomorfólogo glacial ou talvez um especialista nos sistemas de silagem norte-americanos.

¹ No entanto, não fui capaz de evitar totalmente o tom hagiográfico. Por mais que tentasse contextualizar o trabalho de Neil, e por mais que tentasse nomear e descrever suas falhas, o poder absoluto do seu trabalho e a força absoluta da sua personalidade, para aqueles que, como nós, éramos seus amigos, tornam muito difícil dizer qualquer coisa que não seja menos que extraordinária (como extraordinário, de fato, ele era). Não fiz um trabalho suficientemente bom para fundamentar a extraordinariedade de Neil nas falhas que lhe deram forma. Nem fiz o suficiente para descrever a plenitude de Neil para além de suas ideias.

Gentrificação e o Diferencial de Renda²

Ao mesmo tempo, Neil estava igualmente mergulhado na cultura vibrante do socialismo escocês — a sua militância bem como as suas canções populares — e o seu sentido inato do que era justo e correto, e do que não era, cresceu de forma constante naquele solo, um solo regado por muitas canecas de cerveja “heavy”. O solo do socialismo escocês foi também muito fertilizado por uma luta de sentido mais global, e Neil se lembraria bem das imagens ultrajantes na televisão de cães da polícia atacando ativistas dos Direitos Civis e das insurreições urbanas posteriores na América, das primeiras agitações da luta antiapartheid (que se enraizou no Reino Unido mais cedo do que nos EUA), da promessa de Maio de 1968, bem como do massacre sangrento de estudantes universitários mexicanos, alguns meses mais tarde. Na época em que se inscreveu nos seminários de Joe Doherty na Universidade de St. Andrew, no início dos anos 1970, ele estava preparado para ver — e queria apaixonadamente compreender — as falhas da paisagem humana tanto como — e cada vez mais que — as falhas da paisagem física. Joe nutriu esse desejo, enquanto também, graças aos seminários, orientações e conversas de bar, alimentava as chamas do radicalismo de Neil, convencendo-o, como ele próprio escreveu na introdução do seu principal livro sobre gentrificação, *The New Urban Frontier* (1996e, xx), que esse era um tópico em que podia “mergulhar de cabeça”, pois havia um potencial radical real na geografia humana e a gentrificação clamava por um estudo meticoloso.

Neil já tinha notado o fenômeno, mesmo que ainda não lhe tivesse dado um nome, durante o verão de 1972. Como também escreveu em *New Urban Frontier* (Slater, 2012, p. xviii; para aprimorar a discussão):

2 No original, *Rent Gap*, conceito formulado por Neil Smith, geralmente traduzido na literatura como *diferencial de renda*. N. do T.

Em retrospectiva, creio que analisei a gentrificação pela primeira vez em 1972, enquanto trabalhava num escritório de seguros na Rose Street, em Edimburgo, durante as férias de verão. Todas as manhãs eu pegava o ônibus 79 em Dalkeith e andava metade do caminho, na Rose Street, até o escritório. Rose Street é uma rua atrás da majestosa Princes Street, há muito tempo conhecida por seus tradicionais *pubs* sujos e cheios de mofo, por hotéis lúgubres e até mesmo por alguns bordéis, embora haja rumores de que tenham migrado para a Danube Street no início dos anos 1970. Em Edimburgo, era o local perfeito para uma noitada nos *pubs*. O meu escritório ficava no andar de cima de um novo bar, chamado “The Galloping Major”, que não tinha a decoração cafona e o pó de serragem dos antigos bares. Este era novo. Serviam almoços muito apetitosos acompanhados com salada, ainda uma novidade na maioria dos *pubs* escoceses à época. E comecei a notar, após alguns dias, que vários outros bares tinham sido “modernizados”; havia dois novos restaurantes, muito caros para mim — não que eu frequentasse restaurantes. E a estreita Rua Rose ficava sempre congestionada, devido ao tráfego causado pelas construções, considerando que os andares superiores de alguns prédios haviam sido reformados. Não pensava muito a esse respeito à época, e só muitos anos depois, na Filadélfia, quando havia adquirido um pouco de conhecimento sobre a teoria urbana, como estudante universitário, comecei a reconhecer o que via não só como um padrão, mas como um padrão pungente.

A Filadélfia foi decisiva para Neil. Ele foi para lá num intercâmbio (“mais que uma jornada longe de casa”: Smith, 1996e, xx), passando os anos de 1974–1975 na Universidade de Filadélfia que ficava imprensada entre um centro de cidade impactado pela recessão — embora se usasse as celebrações do Bicentenário como alavanca de desenvolvimento e redução da ideologia (Smith 1977a) — e West Philly, majoritariamente afro-americana, pobre e desinvestida. Mas foi a Society Hill que mais chamou a sua atenção (1977b).

Society Hill foi um dos primeiros e mais perceptíveis exemplos de gentrificação da América. Contudo, o que mais chamou a atenção de Neil não foi apenas o padrão de gentrificação, que de fato parecia internacionalmente congruente, mas as diferenças ou distinções dentro desse padrão. Se a gentrificação na Grã-Bretanha era, pelo menos como retratado em grande parte da literatura dos anos 1960 e 1970, em grande parte um caso de capital privado, Neil descobriu que a Society Hill parecia ser um fenômeno eminentemente *público*: ou o capital vinha diretamente de fontes públicas ou era organizado através de agências públicas (influenciando/agindo como empresas de capital privado) (Smith, 1979a, 1979c). Essa constatação levou Neil a compreender a gentrificação não (apenas) como um processo de mudança da demanda do consumidor, como parte da literatura e estudos de base neoclássica a entendiam, nem (apenas) como uma transformação nas relações da produção urbana, como alguns trabalhos mais críticos publicados à época começavam a conceber — a “dialética produção-consumo” (Smith, 1979a, 24) não era suficiente — mas, ao invés, como um momento na *circulação* retrabalhada do capital: “O processo de circulação é uma forte força reguladora

tanto da produção como do consumo” (Smith, 1979a, 24), e conseqüentemente, para a gentrificação ser devidamente entendida, é necessário um enfoque acurado dos percursos do capital financeiro e “da padronização do espaço urbano de acordo com padrões de investimento rentável” (Smith 1979a, 24). Por sua vez, isso levou Neil a reexaminar os modelos clássicos da morfologia das cidades e a repensar o conceito de “zona de transição”, definido pela escola de Chicago — ou definido pelo modelo Homer Hoyt como “o ponto de virada³ do valor de mercado dos terrenos entre o centro comercial [Central Business District, CBD] e as áreas residenciais circunvizinhas” (Hoyt 1933, p. 356; em Smith 1979c, 542) — como um *hiato recessivo* nos padrões circulatórios do capital no espaço urbano (e não apenas um fenômeno de demanda por bens e serviços). Além disso, mostrou como tais hiatos, geralmente fora do centro da cidade, foram ativamente produzidos por meio das ações de atores sociais específicos, desde grandes proprietários a banqueiros e especuladores imobiliários urbanos. Gerando um diferencial de renda “suficientemente grande”, argumentou, “a gentrificação pode ser iniciada num determinado bairro por vários atores diferentes do mercado de terra e de habitação. E aqui voltamos à relação entre produção e consumo, pois as evidências empíricas sugerem fortemente que o processo é iniciado não pelo exercício das preferências individuais dos consumidores, como adorariam os economistas neoclássicos, mas por alguma forma de ação social coletiva numa vizinhança” (Smith 1979c, 545). Em Society Hill, essa ação coletiva foi coordenada por meio do financiamento hipotecário público e do desenvolvimento de instituições público-privadas para dirigir esse financiamento (Smith 1979a). Em Londres e em outros locais de gentrificação precoce, esse financiamento público pode não ter sido tão proeminente, mas o diferencial de renda foi.

A teoria do diferencial de renda estava destinada a ser um ponto de virada nos estudos de gentrificação, e na verdade no estudo da produção do espaço urbano em geral; também se revelaria de valor duradouro para os ativistas antigentrificação e outros ativistas urbanos que procuram minar a hegemonia crescente do capital financeiro urbano e as mudanças na estrutura de classes e raças, inevitavelmente advindas a reboque (Rameau, 2012). Sua teoria continuaria também a ser um ponto de disputa significativa entre os estudiosos da gentrificação: sobre se ela possuía realmente o valor explicativo que Neil reivindicava para ela, se teria se desviado demasiadamente das transformações culturais que envolvem a sociedade ocidental e,

3 No original, *turning point*. N. do T.

por conseguinte, levavam a uma revalorização social da cidade, se podia ser tão facilmente verificada empiricamente, e se era de algum modo um fenômeno global, universal ou geral, em vez de um fenômeno meramente local ou específico.⁴ Para Neil, contudo, embora a teoria do diferencial de renda permanecesse central nos seus estudos teóricos e empíricos contínuos de gentrificação — mesmo quando foi modificada e contextualizada, muitas vezes culturalmente, no decurso da sua “batalha de ideias” com os seus críticos — tornou-se basilar para as suas explorações mais amplas (ou mais gerais) na teorização da dinâmica do desenvolvimento espacial desigual do capitalismo.

Desenvolvimento desigual

Neil formulou amplamente seus estudos sobre a gentrificação da Society Hill e começou a intuir (ou mesmo já a formular) a teoria do diferencial de renda quando ainda era estudante universitário em St. Andrews (Smith, 1977b). Esses estudos sobre a Society Hill foram publicados, contudo, depois de ter se mudado para Baltimore para realizar seu doutorado com David Harvey na Universidade Johns Hopkins (Harvey, 2012). À época, Neil já tinha desenvolvido completamente a sua tese sobre o *diferencial de renda* (Smith, 1979c). Em Hopkins, aprofundou os seus envolvimento políticos — particularmente o seu envolvimento com a Organização Socialista Internacional (até ser expulso, em 1984, por ter insistido numa linha feminista mais forte) — ao mesmo tempo em que procurava ampliar o espectro de pesquisadores e estudantes, em todo o campus, com os quais pudesse explorar os seus interesses pela filosofia marxista e pela filosofia do conhecimento, e com os quais pudesse ler profundamente Marx e todos os debates que giravam em torno do marxismo àquela altura (cf. Smith 1979b; Harstock e Smith, 1979/80).

As suas explorações da teoria marxista em Hopkins foram moldadas pelos seus compromissos políticos e sociais. Ele administrava o bar do clube de graduados e era famoso por organizar festas intermináveis após o horário de expediente, que talvez fossem mais como salões literários; era igualmente famoso por arrastar o seu orientador, um pouco relutante, para

4 Vários artigos chave nas miríades de debates em torno da gentrificação, que dão assim uma sensação de quão profundamente Neil moldou o discurso teórico e empírico, podem ser encontrados em Lees, Slater e Wyly (2010); uma discussão completa sobre a evolução da teoria da gentrificação e o poder explicativo do diferencial de renda pode ser encontrada em Lees, Slater e Wyly (2008).

quase todas as manifestações políticas da região. Em ambos os locais, bem como em grupos de leitura, ele aperfeiçoou a sua sensibilidade política, bem como o seu estilo de debate bastante feroz, um estilo que podia transformar aliados em inimigos tão rapidamente quanto podia conquistar os cétricos. Durante toda a sua carreira, lutou para equilibrar o seu tenaz compromisso e desejo de vencer a batalha de ideias e para moldar as sensibilidades e ações políticas — um desejo que por vezes o poderia afastar dos camaradas — com a sua sociabilidade natural, o seu desejo de ser amado, e o seu verdadeiro, ainda que muitas vezes contraditório, compromisso de solidariedade.

Essas explorações foram multifacetadas. Estimulado por um desacordo fundamental com a leitura althusseriana de Marx (um desacordo enraizado em parte no trotskismo bastante flexível de Neil), pela sua leitura profunda e interdisciplinar da obra de Marx, e pelo seu fascínio ainda incipiente de amor e ódio pela história e pelas ideias da sua disciplina de origem (a geografia), Neil mergulhou em inumeráveis debates dentro do marxismo — e da geografia — ao mesmo tempo em que se concentrou particularmente na questão da natureza (Smith 1980; Smith e O'Keefe 1980). Atento às intervenções teóricas da Escola de Frankfurt, especialmente as de Schmidt (1971; Leiss, 1974), reelaborando os conceitos de primeira e segunda natureza, Neil (em colaboração com Phil O'Keefe) teorizou a natureza — incluindo agora a primeira natureza — como produzida a partir de dentro e como base necessária para o modo de produção capitalista. Os argumentos de Neil evidenciaram não só uma leitura profundamente crítica e analítica das próprias obras de Marx e da teoria marxista, mas também da sociologia do conhecimento científico e da história da geografia, que ele — no que se tornaria uma marca registrada da sua obra — combinou de formas verdadeiramente originais. No cerne de seu argumento estava um exame das maneiras pelas quais, dentro do saber ocidental, incluindo muito o marxismo, a natureza era entendida como uma dualidade amplamente não examinada, mas fatídica: “Por um lado, a natureza é externa, uma realidade não humana, pura e divina; por outro lado, a natureza é mais abstrata, incorporando esferas de realidade humana e não humana” (Smith e O'Keefe 1980, 30). Muita história e sociologia da ciência foram levadas em conta nesse dualismo, como Neil mostrou em relação à influente *The Structure of Scientific Revolution* [em português: *A Estrutura das Revoluções Científicas*] (Smith 1980, 78 n. 59) de Kuhn (1962). Contudo, nenhum modo de produção — o capitalismo em particular — reconhece tal dualidade, ideologicamente tão importante para o capitalismo

imperialista (Smith e O'Keefe 1980, 30-31). No capitalismo, a natureza é produzida como uma unidade. No marxismo, mais ainda na própria escrita de Marx, Neil argumentou, poderia ser vislumbrado um conceito alternativo, não dualista, da natureza, adequado à tarefa de compreendê-la no âmbito do capitalismo. É um longo e minucioso argumento, apresentado ao longo de vários artigos (e eventualmente consolidado em *Uneven Development* [1984c]), que mostra como, no final,

não é apenas essa “segunda natureza” que é cada vez mais produzida como parte do modo de produção capitalista. A “primeira natureza” também é produzida. De fato, a “segunda natureza” já não é produzida fora da primeira natureza, mas sim, a primeira é produzida por e dentro dos limites da segunda... Num sentido bastante concreto, esse processo de produção transcende a distinção ideal entre uma primeira e uma segunda natureza. A forma de toda a natureza foi alterada pela atividade humana e hoje essa produção é realizada não para a satisfação de necessidades em geral, mas para a satisfação de uma “necessidade” particular: o lucro (Smith e O'Keefe 1980, 35).

Esses argumentos provaram ser enormemente influentes (mesmo se os teóricos subsequentes nem sempre aceitassem seu marxismo fervoroso ou se empenhassem tanto em mergulhar nos meandros dos teóricos da Escola de Frankfurt, retirando frequentemente grande parte da base intelectual da teoria da produção da natureza de Neil). Na verdade, são, em muitos sentidos, fundamentais para as abordagens da ecologia política, que começaram a se desenvolver na mesma época e, para o surgimento de um estudo mais crítico sobre os desastres “naturais”, uma preocupação básica de Phil O'Keefe, colaborador de Neil no desenvolvimento da tese da produção da natureza (ver também Smith 1998a, 2005e, 2005f).

Mas a produção da natureza foi apenas uma parte da história. Outra parte consistia em argumentos sobre a produção do espaço, cujos embriões estavam presentes nos primeiros estudos de gentrificação de Neil, mas que só começaram a se desenvolver à medida que ele se graduava. No artigo em que a tese da produção da natureza é apresentada pela primeira vez, Smith e O'Keefe (1980, 37–38) argumentaram que se entendermos o espaço como relacional (e não como abstrato ou fixo), então:

a teoria [da produção da] natureza mantém dentro dela uma teoria integral do espaço. Já não precisamos ver o espaço como um universal abstrato, mas podemos agora vê-lo como historicamente alterado junto à alteração humana da natureza. A produção do espaço através da qual se entende a alteração das relações espaciais provocada pela alteração simultânea da forma das peças concretas da matéria é uma parte integrante da produção da natureza.

Além disso:

Uma teoria abstrata da produção do espaço seria tão limitada como uma teoria abstrata da natureza... e arriscaria as mesmas contradições filosóficas que acabaram por atormentar Schmidt [que não foi além da dualidade da primeira e da segunda natureza]. Tal como com a natureza, uma compreensão sofisticada de como o espaço é produzido depende de uma compreensão igualmente sofisticada do modo de produção capitalista. Espaço e lugar são produzidos como parte desse modo de produção (Smith e O'Keefe 1980, 38).⁵

Como resultado, “Uma compreensão do desenvolvimento desigual é, portanto, central” (Smith e O'Keefe 1980, 28). As teorias da produção da natureza e da produção do espaço foram fundamentais para a compreensão do desenvolvimento geograficamente desigual dentro do capitalismo, e o desenvolvimento integrado de ambos sustiveram a esperança de uma análise mais robusta do que era possível em teorias existentes, tais como a teoria do desenvolvimento combinado e desigual, tal como desenvolvida por Trotsky, os argumentos leninistas sobre a acumulação e concentração de capital, a teoria da dependência, e a teoria do “Terceiro Mundo” associada a Samir Amin (Smith, 1982b).

A teoria do desenvolvimento desigual, tal como Neil a propôs, baseia-se numa análise de uma dialética permanente dentro do capitalismo: a luta simultânea pela equalização e diferenciação tanto do espaço como dos processos sociais (Smith 1982c, 1984c). No meio da sua discussão sobre a produção da natureza, Smith e O'Keefe (1980, 35) comentam astutamente: “Há mais de quarenta anos, essa relação de troca de valores com a natureza foi intuitivamente reconhecida e inconscientemente encapsulada por aquele grande geógrafo imperial, Isaiah Bowman, que declarou que os seres humanos ‘não podem mover montanhas’ — sem antes ‘transformá-la em renda’”. Dois anos mais tarde, num artigo que procurava fornecer uma base teórica mais sólida para a investigação empírica “intensiva” sobre a gentrificação que se tinha desenvolvido ao longo da última década, Neil escreveu que “Com a transformação da terra num meio de produção quase universal, nenhum canto está imune à procura de matérias-primas; cada centímetro da superfície terrestre, bem como do mar, do ar e do substrato geológico é reduzido aos olhos do capital a meios de produção reais ou potenciais, cada um com uma

5 O trabalho relacionado de Lefebvre sobre a produção do espaço desempenhou pouco papel no desenvolvimento da teoria de Neil, em grande parte porque pouco do trabalho urbano de Lefebvre tinha sido traduzido. A principal exceção foi *Survival of Capitalism* (Lefebvre, 1976), e que normalmente se limitava à sua famosa frase sobre como “não podemos saber a que preço” se tem dado o crescimento do capitalismo desde que o *Capital* foi publicado, “mas certamente sabemos com que meios: ocupando o espaço, produzindo espaço”.

etiqueta de preço” (Smith 1982a, 143). As questões sobre a renda da terra foram centrais para a produção da natureza capitalista, mas também para a sua exploração. Dada a distribuição desigual dos recursos “naturais” pela superfície da terra, a rentabilidade da terra “estaria por detrás da tendência para a equalização” dentro do capitalismo (p. 143). A tendência para a equalização é o imperativo dentro do capitalismo para atrair cada vez mais a superfície da terra e as pessoas que nela vivem para as relações de mercadorias e salários. É um imperativo do crescimento capitalista pressionar regiões, sociedades e porções da vida social pré-capitalista (ou até mesmo não-capitalizadas) ”para o serviço do capital” e subjugar-las “através do mercado mundial à relação salarial” (p. 143).

Mas isso é apenas metade da equação. A outra metade é a igualmente forte e imperativa tendência para a diferenciação. Enquanto “profundamente entrelaçada [com] resquícios de padrões anteriores de diferenciação baseados na natureza” (por exemplo, fontes de energia localizadas, tais como quedas d’água, fertilidade do solo e condições climáticas variadas, estratos geológicos ricos em minerais etc.), a diferenciação capitalista ”envolve a divisão progressiva do trabalho em várias escalas, a centralização espacial do capital em alguns lugares à custa de outros, a evolução de um padrão espacialmente diferenciado de taxas salariais, o desenvolvimento de uma superfície de renda do solo que é marcadamente desigual no espaço, diferenças de classe etc.” (Smith 1982a, 144). O impulso para a diferenciação no capitalismo é tão poderoso e tão necessário como o impulso para a equalização, e foi precisamente essa dialética que esteve na origem do desenvolvimento espacialmente desigual, tanto como uma proposta teórica como nos seus padrões no espaço. A dialética da equalização e diferenciação foi a peça central da teoria do desenvolvimento desigual de Neil — e o ponto das suas teorias sobre a produção da natureza e do espaço — ao divulgá-la primeiro na sua tese de doutorado (Smith 1982c) e pouco depois no seu primeiro livro principal e talvez o mais importante teoricamente, *Uneven Development: Nature, Capital, and the Production of Space* (1984c).

Mesmo antes de terminar a sua tese (e, de acordo, com Harvey, praticamente mesmo antes de a iniciar), Neil conseguiu um emprego no departamento de geografia da Universidade de Columbia. Naquela altura, Harvey viajava regularmente para a Universidade de Yale. Encontrava-se com Neil na Penn Station, em Nova York, a caminho do norte para pegar um capítulo da tese. No caminho de volta para Baltimore, encontravam-se novamente para discutir

o trabalho. Harvey foi, de certa forma, pego de surpresa pela centralidade — e pela extensão — dos argumentos sobre a natureza, pois pensava que Neil estava escrevendo uma tese sobre a gentrificação (que, ao final, ocupa uma parte relativamente pequena do trabalho). Neil trabalhava furiosamente, tarde da noite, muitas vezes com uma cerveja na mão (e o seu gato Leon trabalhando arduamente para o distrair), mesmo quando preparava e dava suas aulas e começava a procurar aliados políticos e a compreender a dinâmica da gentrificação, especialmente em sua forma inicial, no Harlem e nos arredores da Universidade de Columbia na sua então recentemente adotada Nova York (Schaffer e Smith 1986). A tese resultante — embora prefigurada pelo seu trabalho publicado sobre a gentrificação e a produção da natureza — é um trabalho notável e foi rapidamente publicada pela Blackwell com poucas alterações substantivas (o capítulo 4 foi quebrado em dois).

Geografias Políticas

A invocação de Isaiah Bowman por Smith e O'Keefe, no meio de seus argumentos sobre a produção da natureza, não foi acidental. Durante os seus anos em Hopkins, Neil tinha ficado fascinado — obcecado, realmente — por Bowman e o seu papel tanto na Geografia como na construção do imperialismo americano. Ou mais genericamente, e como ele disse mais tarde, o desenvolvimento desigual (e, portanto, sua tese) “envolve uma *dialética rígida* entre a geografia histórica e a história do pensamento geográfico” (Smith 2011, 262). Isso era verdade para todo o seu trabalho. Não só a batalha de ideias era demasiado importante para ser deixada a outros, como a história das batalhas de ideias não podia ser separada do exercício do poder geopolítico (em qualquer a escala): a dialética era mesmo *rígida*. Ao longo de sua tese, assim como em grande parte de sua obra, Neil preocupou-se especialmente em contestar abordagens idealistas (ou, como ele por vezes dizia, “metafísicas”), que via como a “marca da ideologia burguesa” (Smith 1982c, 200) e, especialmente, grande parte da geografia humana no século XX. Não se tratava apenas de relatos idealistas ou metafísicos errados; pelo contrário, tais relatos estavam de acordo com, e foram postos ao serviço de, determinados exercícios de poder.

A vida e o trabalho de Bowman, Neil rapidamente intuiu, proporcionaram uma abertura vital para essa *dialética rígida*.⁶

O estudo de Bowman apresentou um problema a Neil. Ele era demasiado jovem e Bowman estipulara que seus documentos — guardados nos arquivos da Universidade Johns Hopkins — deveriam ser abertos apenas a estudiosos com mais de 40 anos de idade. Então, Harvey lhe forneceu cobertura, afirmando que o projeto era seu e que Neil era apenas o seu assistente de investigação (Smith 2003, xxiii); aparentemente os bibliotecários descobriram a verdade logo no início, mas fizeram vista grossa (outros trabalhos foram conservados nos arquivos da Sociedade Geográfica Americana e eram menos restritos).⁷ Os objetivos de Neil nessa investigação foram, no início, um pouco insipientes. Mas, como ele rapidamente descobriu, por meio da vida de Bowman poderia ser contada uma história nova e crítica do desenvolvimento da disciplina no século XX, uma história que (como mais tarde disse) era menos defensiva, pois “a história defensiva não admite lições do passado, nem qualquer sentido de para onde o presente nos leva, nem qualquer compreensão de como nós próprios podemos ajudar a moldar o futuro” (Smith 1987a, 156).⁸ Também encontrou nos documentos de Bowman, especialmente nos de Hopkins, uma rica visão sobre o encerramento do departamento de geografia de Harvard, em 1948, um episódio que há muito perturbava os geógrafos americanos e teve particular relevância durante a década de 1980, quando uma nova onda de fechamentos de departamentos percorreria a academia, incluindo encerramentos em Chicago, Northwestern, e a nova casa acadêmica do próprio Neil, Columbia. Neil tinha se juntado ao

6 Claro que nem o fascínio de Neil por Bowman nem seu interesse em ligar a história das ideias às geografias históricas — e ao poder — surgiram de alguma forma *sui generis*. Neil cita especificamente Alan Werrity, de St. Andrews, por abrir seus olhos para o potencial da história disciplinar (Smith 2003, xxiv), e David Harvey, quem há muito se interessava por esse tipo de pesquisa (Harvey 1969). Quando Neil começou a pesquisar sobre Bowman, Harvey (1983) estava investigando a vida e a obra de Owen Lattimore, à procura de uma geografia histórica mais completamente materialista, enquanto peça central de toda a geografia humana (Harvey 1984).

7 Ao longo da sua pesquisa sobre Bowman, Neil fez amizade com o filho dele, Robert, e, por seu intermédio, obteve acesso a um rico tesouro de documentos, então privados, que foram centrais para o grande livro que escreveu mais tarde. A coleção de Robert Bowman foi posteriormente integrada aos documentos de Bowman em Hopkins.

8 Neil era frequentemente ácido em seu julgamento sobre a história “oficial” da nossa disciplina, e dos seus historiadores oficiais. No seu seminário de Rutgers sobre a História da Geografia no final dos anos 1980, raramente deixou passar uma oportunidade de comentar o que via como a falência intelectual da história disciplinar da geografia. Na literatura “oficial”, tal julgamento — que beirava o ridículo — era tipicamente feito de forma sutil, por exemplo: “Uma lista descritiva completa das realizações, honras e escritos [de Bowman] daria um artigo por si só; e uma lista comentada, um livro (Martin, 1980)” (Smith 1986a, 70). A lição que Neil procurou ensinar nas suas histórias da geografia, que defensividade é autodestrutiva, nem sempre foi apreciada por todos (por exemplo, Dobson 2012).

corpo docente de Columbia num momento de fraqueza e ameaça. Embora a aposentadoria do antigo chefe do departamento, William Hance, tivesse tornado possível a contratação de dois novos membros do corpo docente no início dos anos 1980 (primeiro Sarah McLafferty em 1980, depois Neil dois anos mais tarde), o departamento era institucionalmente fraco, considerado intelectualmente marginal pela maioria da comunidade do campus e academicamente à deriva. Em 1986, foi fechado, com o corpo docente sênior transferido, o mandato de McLafferty abandonado e o contrato de Neil não renovado (Porter 2002). Em particular, e por vezes em público, Neil criticava o papel dos membros do corpo docente sênior na Columbia. Mas a maior parte da sua energia foi canalizada para a sua pesquisa, tanto a investigação em curso sobre desenvolvimento desigual e gentrificação (Smith 1984a, 1986b, 1986d.; Smith; Lefaiivre, 1984; Schaffer; Smith, 1986; Smith, Williams, 1986), como o seu estudo sobre Bowman (Smith, 1984b, 1986a): esse foi um período extremamente produtivo na carreira de Neil, e um período dificilmente limitado ao trabalho acadêmico direto (ver <<http://vimeo.com/50446009>>). Raramente houve uma batalha de ideias de que Neil tenha se afastado. Para ele, a produção de conhecimento era política e politicamente vital (Smith, 1986c, 1987b, 1987c, 1987d, 1987e, 1987f, 1988a, 1988d). Na verdade, às vezes poderia parecer que estava em uma longa luta com seus adversários intelectuais e políticos, uma luta que moldou seu trabalho e da qual ele cedeu pouco ou nenhum terreno.

Foi uma luta travada diretamente com seus colegas. Com o encerramento do departamento de geografia na Universidade de Columbia, Neil encontrou um lugar como professor assistente no Departamento de Geografia da Rutgers University, onde ficaria até o ano 2000. Foi efetivado e promovido a Professor Associado em 1988 e muito rapidamente a Professor Titular em 1990 (numa época em que também era ativamente recrutado por outras universidades), atuando como chefe de departamento por três anos, no início dos anos de 1990. A Rutgers proporcionou a Neil maiores oportunidades de ensino e orientação de pós-graduação do que as que tinha disponível nos seus poucos anos em Columbia, e por vezes parecia que travava a sua luta contra os seus colegas por meio de alguns de nós, que éramos seus alunos. Ora, um dos campos de batalha foi acerca da história da disciplina. O artigo assinado por Neil nos *Anais* da Associação Americana de Geógrafos, sobre a extinção da geografia em Harvard (SMITH, 1987a), chegou às caixas de correio departamentais no início do verão de 1987, exatamente quando Neil estava completando seu primeiro ano na Rutgers. Sua análise,

profundamente documentada, combinando o trabalho de arquivo em Hopkins e Harvard (e outros lugares) com os papéis mantidos pelo filho de Bowman, Robert, junto a dezenas de entrevistas com geógrafos ativos na disciplina — contendo detalhes inéditos, divertidos e horripilantes, alguns dos quais se regalava em contar para qualquer um que quisesse ouvir nas festas — procurou tirar a limpo quarenta anos do que ele considerava uma criação de mitos em torno do episódio, bem como fornecer uma melhor, mais materialista e contextual história da disciplina. É um relato rico e impressionante, que não faz rodeios. Provocou reações imediatas e fortes, tanto em locais formais — incluindo uma grande seção de respostas publicadas nos *Anais* vários meses depois — quanto informais, como nos corredores de inúmeros departamentos de geografia e de auditórios de conferências e “dezenas” (Smith, 1988a) de cartas enviadas diretamente a ele.⁹ Pois as paixões estavam em alta, devido ao fechamento de departamentos de geografia na década de 1980.

Ele advogou por uma história da geografia que não fosse “descritiva, monótona e defensiva” e, num conjunto de comentários dirigidos de forma abrupta, senão explícita (citando inclusive nomes) aos guardiões da história oficial da geografia, argumentou que até então grande parte dessa história tivera justamente essas características (Smith, 1988a). “A ‘história do pensamento geográfico’, como é tradicionalmente chamada,” argumentou ele (1988a, 159), “deveria, por todos e quaisquer padrões, ser um dos ramos intelectualmente mais estimulantes da disciplina. Em vez disso, é o mais retardatário, aproximando-se do antiquarismo”. Para Neil, a questão de “porque em primeiro lugar a geografia era tão vulnerável” (Smith, 1987a, 167) na época do fechamento de Harvard (e na época em que escrevia), era, sem dúvida, intelectualmente estimulante, dada a centralidade de visões geográficas que, como argumentou, estavam no cerne do “curto século americano” (Smith, 1988d), um século anunciado por Henry Luce, da *Life*, apenas sete anos antes de Harvard fechar seu departamento. Era, portanto, também uma questão politicamente importante. Reduzir a história de Harvard, como tinha acontecido frequentemente na lenda oral, a uma questão de personalidades — a orientação sexual de Whittlesey ou o seu comportamento “traidor”; à influência maligna do explorador-diletante Alexander Hamilton Rice; a hostilidades de reitores e diretores; o próprio Bowman — , era ignorar o contexto determinante e a história político-intelectual dentro da qual essas

9 Um arquivo que encontrei no escritório do Neil em finais de setembro de 2013 indica que ele não estava exagerando.

personalidades operavam, bem como as deficiências intelectuais ou teóricas da própria geografia de meados do século XX. Também, minimizava-se a incapacidade contínua da própria geografia de se definir, o seu retraimento teórico frequente àquilo que Glick (1983) denominou “mito da unidade”: a geografia como a grande ciência de síntese. Imputar à geografia a condição de “unificadora” das ciências sociais e naturais, pensava Neil, era mais do que invocar um *shibboleth*¹⁰; era não conseguir chegar a um acordo e, assim, renunciar em definir o lugar da geografia dentro da divisão intelectual do trabalho (e assim deixá-la aberta a outros campos). Grande parte da culpa por esse fracasso podia ser colocada sobre os ombros dos geógrafos de meados do século XX, mas Neil pensava que essa era também uma resposta demasiada fácil, que não explanava como o fraco e acrítico conhecimento geográfico servia aos objetivos do império geoeconômico em desenvolvimento da América, ou o que Bowman em 1940 denominou “*lebensraum* [espaço vital] para todos” — uma nova ordem econômica em que (nas palavras de Neil) “todos eram iguais, mas a América era mais igual do que outros, em virtude de suas proezas econômicas” (Smith 1988d, 38–39). Assim, a história da geografia precisava deixar de ser descritiva, monótona e defensiva; em vez disso, “a história da geografia deve, antes de tudo, ser crítica, e deve ser contextual” (Smith 1988a, 162).

Essa foi uma lição que muitos, na geografia, pareciam não estar preparados para aprender, sobretudo, os próprios colegas de departamento de Neil, alguns dos quais eram bastante veementes em seu descontentamento.

Não era o caso de refazer essa história — achavam esses colegas —, mas sim, de recuperar a geografia em Harvard e torná-la uma disciplina universitária respeitável novamente (afinal, Neil havia encerrado seu artigo dizendo, “formalmente, a questão da geografia em Harvard permanece sem solução” [Smith 1987a, 170]); e a maneira de fazer isso era afirmar a centralidade da geografia para o conhecimento e seu papel como a grande ciência unificadora das análises físicas e humanas. Neil rejeitava desdenhosa e verbalmente tais argumentos; eles o irritavam infinitamente. Então, ele postergou a discussão. Bem no contexto de nossos exames de qualificação, alguns de nós, alunos, fomos apanhados no meio da batalha que se travava. Neil podia desprezar aqueles de quem discordava e, especialmente, aqueles cujas ideias

10 *Shibboleth*, no original. Em português, a palavra xibolete (de origem bíblica) designa particularidades ou características de pronúncia — por exemplo, de um idioma estrangeiro ou nativo — que atesta se fazemos parte (ou não) de um determinado grupo linguístico. Don se refere aqui à vulgarização interna, na geografia, da ideia de ciência de síntese, um clichê teórico certamente incompreensível para outros campos do conhecimento. N. do T.

considerava fracas ou tolas e raramente guardava para si mesmo tais julgamentos quando estava junto a seus alunos. A sua fé no poder da história crítica e contextual — e neste ponto especialmente nas suas próprias ideias — era tão forte que achava que era o cúmulo da estupidez pensar que as lutas interdepartamentais podiam ser prejudiciais para a segurança institucional do campo ou ao ambiente de aprendizagem e de trabalho dos estudantes do departamento. Ele nunca percebeu o quão desconfortável isso poderia nos deixar, enquanto alunos de pós-graduação do departamento, especialmente porque qualquer aluno de pós-graduação bem-sucedido precisa de aliados no corpo docente de um departamento. Ele nunca pensou (ou certamente nunca admitiu para mim) como a força de suas próprias ideias e opiniões poderia minar os esforços e o aprendizado dos alunos que ele apoiava e, de fato, amava profundamente.

E ele apoiou e amou seus alunos. Uma das contradições que definiram a vida de Neil era como ele podia ser tão feroz e intransigente no debate intelectual e político, tão mordaz com as pessoas e ideias que não aprovava ou considerava tolas e, ao mesmo tempo, tão generoso com os amigos e alunos, mesmo quando ele não concordava inteiramente com eles ou seus projetos — até mesmo quando poderiam ser estúpidos. O apoio veio de várias formas: comentários críticos e completos sobre artigos e capítulos (cujo baque costumava ser amenizado por uma cerveja ou uma refeição), promoção do trabalho dos alunos no campus e na disciplina (incluindo apresentações aos nossos heróis acadêmicos), jantares estridentes noite adentro (primeiro em seu apartamento no Harlem, depois na casa desapropriada da [geógrafa] Briavel Holcomb, em Highland Park, Nova Jersey — Bria geralmente se retirando para seu quarto no sótão horas antes de Neil estar pronto para se recolher), e principalmente com uma mistura apropriada de encorajamento e negligência benigna, quando estávamos lutando com nossas pesquisas e tentando encontrar nossas próprias vozes. O amor veio também de muitas formas. Para mim, foi fraternal no melhor sentido desse termo. Mas para algumas mulheres do departamento era muitas vezes decididamente desconfortável, tingido muitas vezes com um desejo sexual inconfundível, cuja inadequação ele compreendeu (ou assim me disse uma vez, quanto eu ainda era estudante), mas que ele parecia incapaz de controlar adequadamente. Coloriu sua relação com estudantes e colegas, especialmente porque (mais tarde tornou-se claro para alguns de nós) o desejo recíproco era central para a compreensão de sua própria autoestima intelectual. Foi, notavelmente, uma forma de provar a si próprio a potência das suas ideias,

especialmente em anos posteriores, quando começou a duvidar se ainda tinha o vigor intelectual que definira tão profundamente a sua existência.

Revanchismo

Esse vigor intelectual estava muito em evidência no final dos anos de 1980. O estudo de Neil sobre Bowman e a história da geografia de meados do século XX levou a uma contribuição para o volume da AAG dedicado a refletir sobre a importância duradoura de *The Nature of Geography* de Richard Hartshorne no quinquagésimo aniversário de sua publicação. Num argumento filosófica e politicamente sofisticado, Neil utilizou uma leitura atenta de *The Nature* para ter como objetivo quatro tendências entrelaçadas que, na sua opinião, marcaram tanto a geografia contemporânea como a geografia que Hartshorne tanto trabalhou para decodificar: o idealismo filosófico da disciplina; o seu conservadorismo político; o seu isolacionismo teórico; e sua cega instabilidade ontológica. É fácil lembrar o puro contentamento que acompanhou a descoberta de Neil de que o “indivíduo geográfico” sobre o qual todo o edifício de *The Nature* foi construído era a “fazenda”, e a sua descrição quase maliciosa — feita nas suas aulas de História da Geografia se não explicitamente nas páginas do seu capítulo — de Hartshorne, horrorizado com a *Kristallnacht*¹¹ em Viena, preocupado com o desvio nazi da “verdadeira” geografia, ilegitimamente politizada, mas se esquecendo da verdadeira geografia política à sua volta. Mas o que mais transparece na análise de Neil é o seu puro virtuosismo intelectual, um domínio técnico das ideias e da escrita que se une para formar uma crítica de uma obra e de um campo que é ao mesmo tempo amplo e profundo (Smith 1989b). Smith acusa Hartshorne de ser um neokantiano quintessencial, no sentido de que o kantismo de Hartshorne “vai além” do próprio Kant, ao postular um idealismo filosófico no qual não há “coisa em si” à qual os conceitos geográficos se referem, sendo as “regiões” no sistema de Hartshorne construções inteiramente mentais. O hiato irracional é total: “regiões não são ‘inerentes ao mundo’” (Smith 1989b, 103; citando Hartshorne 1961 362). O problema era que “o idealismo neo-kantiano de Hartshorne justificava e promovia a esterilidade de um conceito e da abordagem regional precisamente num momento em que as paisagens do mundo real estavam

11 *Kristallnacht* no original, ou a Noite dos Cristais: um sinistro episódio de perseguição aos judeus pelos nazistas, ocorrido entre 9 e 10 de novembro de 1938 na Alemanha e na Áustria. (N. do T).

sendo dramaticamente reestruturadas pela Depressão, Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria e a Pax Americana, expansão econômica do pós-guerra, suburbanização e profissionalização do planejamento urbano ... [quando] dificilmente se estaria mais longe dos eventos contemporâneos do que num discurso neokantiano sobre regiões ideais. A revolução positivista dos anos 1950 e 1960, iniciada em parte pelo artigo de Schaefer [1953], reagiu precisamente a essa esterilidade interna e irrelevância externa” (pp. 103–104) — uma reação que chegou demasiado tarde para [o conceito de] paisagem, que, argumentou Neil, foi “assassinado” por Hartshorne, um assassinato que instigou “uma reviravolta momentânea que não só contribuiu para o isolamento da geografia, como, numa reviravolta irônica, foi responsável pelo declínio da geografia regional de meados do século. Talvez nenhum outro aspecto da geografia teria se beneficiado tanto de uma concepção mais sofisticada da paisagem” (p. 109).

Parte da ânsia de Neil em relação ao idealismo hartshorniano, especialmente em relação à teorização das regiões, deve-se a que ele estava ao mesmo tempo envolvido em uma reconsideração bilateral do regionalismo e, especialmente, dos processos de regionalização, que entendia ser um processo inelutavelmente materialista. Neil concordou com a afirmação de Philip Cooke (1985) de que as regiões eram “práticas de classe”, com “cada peça nacional do quebra-cabeça mundial [...] internamente dividida em” plataformas de produção “subnacionais coerentes, algumas mais desenvolvidas do que outras, algumas produzindo para exportação, outras produzindo para consumo local ou nacional. [...] A regionalização das economias nacionais da Europa Ocidental e da América do Norte sendo, portanto, uma parte integrante do surgimento de manchas nacionais distintas no sistema mundial” (Smith e Dennis 1987, 160–161). Os Estados-nação surgiram não apenas de “lutas políticas” — especialmente a guerra — mas também e crucialmente “como uma solução geográfica para suas obrigações contraditórias de cooperação e competição mútua” de empresas capitalistas (Smith e Dennis 1987, 160), um tema primeiro desenvolvido em *Desenvolvimento Desigual*, mas aqui levado adiante, mostrando como os processos de regionalização subnacional e supranacional estavam dialeticamente entrelaçados com a governança da economia na escala do Estado-nação. Na verdade, a reestruturação econômica no atacado na economia global, que se seguiu às crises do início dos anos 1970, “colocou a questão regional de volta na agenda” (Smith 1988c, 141–142; ver também 1988b). As regiões não seriam um mero dispositivo de ordenação feito por geógrafos nem alguma conveniência metodológica e, certamente, não apenas um amontoado

de elementos (como fazendas), mas extensões territoriais ou receptáculos dinâmicos, estruturados, dialéticos e especialmente *produzidos* por processos econômicos, políticos e sociais. O aumento da competição entre lugares, que muitos interpretaram como sinal de um novo localismo, não “impediu” (Smith 1988c, 144) a necessidade de compreender a integração regional de tais lugares — a competição sempre está em tensão dialética com a cooperação no capitalismo, e isso é tão verdadeiro geográfica quanto economicamente — mas, ao contrário, tornou esse entendimento ainda mais imperativo. O que estava em andamento, com a reestruturação econômica da economia política capitalista na década de 1980, era uma “*reestruturação composta*” (Smith 1988c, 149; ênfase no original) e, portanto, deveria ser entendida como uma reestruturação completa da escala geográfica, na qual (contra um novo tipo de “localismo de esquerda” que ele deplorava) “uma visão global [seria] vital”, mas apenas se [fosse] desenvolvida relacionada à luta para “compreender a atual reestruturação internacional da organização regional e experimentar uma escala muito além do local”(Smith 1988c, 151).

O alvo imediato de Neil era o “novo localismo”, que parecia tomar de assalto a geografia econômica britânica, mas seus olhos estavam voltados para a teorização da própria produção da escala geográfica em si. Já um tema-chave na primeira edição de *Desenvolvimento Desigual*, Neil aproveitou a oportunidade da republicação desse livro, em 1990, para escrever um “Posfácio” significativo, reunindo um conjunto de ideias dispersas e muitas vezes especulativas sobre escala, numa teorização mais rigorosa. Após um conjunto de reflexões sobre a descoberta do “tempo profundo” por geólogos, que passaram a estruturar todas as outras escalas de tempo em escalas geológicas, sobre o desenvolvimento no século XX de um conceito de “espaço profundo”, pelos físicos, bem como sobre a “revolução largamente pacífica dos de baixo”, na Europa Oriental, de 1989, a qual deu uma “riqueza adicional à noção de espaço profundo” (Smith 1990b, 161), Smith estabeleceu uma distinção crucial entre espaço metafórico e espaço material¹², argumentando que foi através desta última que “a reafirmação do espaço na teoria social crítica” (Soja 1989) avançou primeiramente. O perigo aqui, Smith argumentou (seguindo outros, inclusive algumas observações gerais de Foucault), era que as metáforas vivas do espaço tendiam a se referir a um espaço material inerte ou implicitamente

12 Uma distinção semelhante sobre o próprio espaço reapareceria mais tarde num importante artigo que examina a “virada espacial” nas ciências sociais e estudos culturais, em coautoria com Cindi Katz (Smith e Katz 1993).

morto: “o espaço serve para animar o tempo, para estimular o tempo, com uma vida que pode ser calibrada, medida e apreciada [justamente] contra a morte do espaço. Qualquer que seja o poder das metáforas espaciais para revelar a unidade fragmentada do mundo contemporâneo, elas funcionam precisamente reforçando a morte do espaço e, portanto, nos negando os conceitos apropriados para *analisar* este mundo” (Smith 1990b, 169; ênfase no original). Essa é uma continuação da crítica de Neil ao idealismo de Hartshorne, mas agora centrada numa direção diferente: não o idealismo conservador da geografia regional da velha escola, mas o idealismo esquerdista do que agora chamaríamos de pós-estruturalismo e o seu crescente domínio sobre a teoria crítica. Aproveitando e analisando criticamente *A Produção do Espaço* de Lefebvre (a tradução inglesa ainda seria publicada, como escreveu)¹³, Neil argumenta que existe uma necessidade premente de uma teorização da “produção da escala”, bem como da “política de escala”, pois a “escala é tanto projeto de oposição quanto projeto do capital” — ou seja, a própria escala é produzida por meio de uma luta contínua. “A escala, na verdade, é a forma mais elementar de diferenciação espacial, desde a demarcação da casa até a do globo” (Smith 1990b, 172–173).

Até certo ponto, o reconhecimento da oposição política a Neil no tocante às escalas lhe foi imposto — em três direções. Em 1988, Andrew Herod tinha vindo para a Rutgers como estudante de doutorado. Contra o que ele via como o capital-centrismo no trabalho de Smith (e Harvey) sobre a geografia do capitalismo, Herod procurou desenvolver o que mais tarde chamou de “geografia do trabalho” (cf. Herod 2001). Como parte desse projeto, ele começou a mostrar como os próprios trabalhadores produziam escala. Focando nas greves e outras ações dos portuários na costa leste dos EUA, Herod mostrou como os trabalhadores, por meio de suas lutas, não apenas criavam espaços, mas, igualmente, extensões espaciais do seu trabalho e da sua vida doméstica — debaixo de condições de sua própria escolha, para usar o clichê marxista —, retrabalhando ao mesmo tempo a geografia escalar do capitalismo. A produção de escala não era uma via de sentido único que passava do capital para a vida cotidiana, mas uma via de sentido duplo sobre as condições de produção e reprodução (Herod 1991, 1992). Por sua vez, Neil pensava que Herod se inclinava demasiado na direção do poder do trabalhador, mas ele próprio se debruçava em argumentos pessoais sobre a produção de escala para responder ao

13 Lefebvre, Neil (Smith 1990b, 172) afirmou, “nunca escapa do terreno da crítica filosófica” e, portanto, seu projeto permanece prejudicado por um certo idealismo hegeliano.

desafio de Herod, criando, no processo, um sentido mais rico da dialética em funcionamento na produção da escala. Ao mesmo tempo, o crescente envolvimento intelectual e pessoal de Neil com Cindi Katz levou-o a levar muito mais a sério, do que até então, a teorização da reprodução social: “Embora originalmente tenha concebido uma escala urbana no extremo inferior desse espectro do espaço geográfico, gostaria agora de rever isso. Em primeiro lugar, preferiria discutir ‘o local’ em vez de ‘o urbano’, pela razão óbvia de que aí se inclui a produção rural do espaço. Em segundo lugar, acrescentaria a escala da casa, em que as relações de reprodução social e construção de gênero determinam os limites das diferenças internas” (Smith 1990b, 198, n. 15). O local da casa era sem dúvida um espaço penetrado e parcialmente colonizado pelo capital, mas era também um espaço de lutas e relações sociais muito mais amplas, e de importância vital, que moldaram ativamente as escalas em que a vida social era vivida. Finalmente, as lutas em curso sobre a gentrificação em Nova York, e especialmente no Tompkins Square Park, em 1988, provaram a Neil a importância da escala “na luta para controlar o espaço”. A luta contra a gentrificação e pelos direitos dos sem-teto:

começou como uma luta sobre o parque [Tompkins], mas sua escala expandiu-se geograficamente até atingir toda a vizinhança como parte da expansão política da luta para incluir diferentes grupos e tipos de organização, bem como diferentes locais. Isso sugere que uma política espacial não só põe em prática a metáfora de que os acontecimentos “ocorrem”, mas que a verdadeira disputa diz respeito ao local do poder para determinar a escala da luta: quem define o local a ser tomado ... e os seus limites. Sugere também que as lutas bem-sucedidas contra o espaço abstrato prossigam através de “transposição de escalas”. Ao organizar os espaços fractais numa escala e lugar coerentes e conectados, as lutas se elevam à escala seguinte hierarquia acima. Daí a importância de compreender a produção do espaço como a produção de uma hierarquia de escalas aninhada dentro da escala global, e como essas hierarquias são construídas (Smith 1990b, 174–175).

Essas três influências levaram Neil ao desenvolvimento de um conjunto de ideias — talvez “transposição de escalas” a frente delas — que seriam altamente influentes na geografia humana. Mas, como veremos, a ideia de “transposição de escalas”, pelo menos como foi muitas vezes desenvolvida pelos geógrafos, tendeu ao mesmo tempo a ofuscar o argumento central que Neil queria avançar: que a escala geográfica era uma produção social e material *em curso*. A escala era uma ossificação das relações sociais e econômicas, sem dúvida — essa era sua força material —, mas, tal como o “ambiente construído” do capitalismo (que Harvey estava se esforçando para teorizar), também estava constantemente se alterando: essa era uma dialética central da geografia do capitalismo.

Já que a escala e o espaço geográfico eram constantemente ossificados e constantemente alterados, *os lugares* pareciam muitas vezes ser altamente precários. Os argumentos de Smith contra a viragem [*turn*] para o *local*, de grande parte da geografia humana dos anos 1980, não eram que a competição entre as localidades não fosse importante, mas sim, que não era suficiente. A teoria da produção de escala destinava-se a resolver essa insuficiência. Ao mesmo tempo, porém, a precariedade, e a nova competitividade forçada dos lugares, significava que era importante um enfoque simultâneo na especificidade das lutas em curso. As lutas do Tompkins Square Park deixaram isso bem claro para Neil: os seus argumentos gerais sobre a lógica da gentrificação — e a sua justificação ideológica — atingiram o alvo com força especial no Lower East Side de Nova York. A obra escrita durante esse período de que mais se orgulhava, portanto, foi *Tompkins Square Park: Riots, Rents, and Redskins* (1989c), não porque fosse teoricamente inovadora — era devedora em muito de seu trabalho anterior sobre gentrificação —, mas porque foi publicada em *The Portable Lower East Side*, uma revista de arte/ativismo, amplamente disponível na cidade em locais progressistas. Ele percebeu que sua crítica ideológica — crítica à ideologia por meio da qual a gentrificação se tornou heroica para seus perpetradores — combinada à reafirmação da tese do diferencial de renda, que aparecia nesse local, não apenas ajudaria os ativistas a entender sobre o que estavam lutando, mas também catalisaria novas lutas contra a onda de gentrificação que quebrava a vizinhança. A batalha de ideias pelas quais Neil era tão apaixonado poderia aqui ser suturada às contínuas batalhas pelo próprio espaço. Vários anos depois de ser expulso da ISO [Organização Internacional Socialista], ele viu a oportunidade para um novo tipo de envolvimento político.

Não há dúvida de que a análise de Neil sobre o Lower East Side foi influente fora da academia, entre os ativistas antigentrificação, mas também foi o caso de que o verdadeiro impacto da sua análise da diferença de renda nos círculos ativistas só se fez sentir muitos anos mais tarde, quando, nos anos 2000, o seu trabalho se tornou leitura obrigatória em muitos círculos urbano-ativistas, influenciando suas estratégias.¹⁴ Mas essa influência foi menos o resultado do artigo no *Portable Lower East Side* do que sua reformulação no contexto de seu livro de 1996, *The New Urban Frontier*. Esse livro reúne e retrabalha as ideias sobre a

14 Por essa época, o trabalho de Neil começou a atrair um público mais amplo, fora dos limites da geografia e da teoria urbana, especialmente entre os artistas. Ambas as teorizações da produção da natureza e da gentrificação começaram a fazer incursões bastante amplas na literatura crítica da arte (ver Smith 1989a; 1990a; 1991a; 1996f; 1996g).

gentrificação que Neil vinha desenvolvendo desde sua tese de doutorado, mas agora as expressou em uma crítica cultural mais profunda, uma crítica da nova ordem urbana, que ele chamou de “revanchista”.

Revanchismo (vingança) sinaliza, no uso inicial dado por Neil (1996a, 1996c, 1996g), o esforço das classes altas para “retomar” ou “recuperar” a cidade, mas, em sua versão em *The New Urban Frontier* assume certa urgência:

A cidade revanchista representa uma reação ao urbanismo, definida por ondas recorrentes de perigo e brutalidade incessantes, alimentadas pela paixão venal e descontrolada. É um lugar, de fato, onde a reprodução das relações sociais deu estupidamente errado (Katz 1991), mas onde a resposta é uma virulenta reafirmação de muitas das mesmas opressões e prescrições que criaram o problema em primeiro lugar (Smith 1996e, 212).

A retomada da cidade avança por meio da repressão. Os alvos da cidade revanchista eram os sem-teto (Smith 1992a, 1992b, 1993, 1996f), mas igualmente visados eram os negros, jovens, gays e tantos outros que não se enquadravam no modelo de uma cidade dos/para os yuppies. O policiamento se tornou a principal função do governo municipal (Smith 1998b; Smith e Katz 1992). Baseando-se no trabalho de sua aluna (e mentora) Ruth Wilson Gilmore (1994), Smith (1996e, 213) argumentou que “em particular, o crime se tornou um indicador central da cidade revanchista, tanto mais que os medos e as realidades do crime são dessincronizados”. Principalmente, “dois acontecimentos em costas diferentes, igualmente codificados por raça e nacionalismo com entrelaçamento de classe e gênero, cristalizaram o revanchismo emergente nas cidades americanas no início dos anos 1990”: as revoltas de Los Angeles de 1991 e o ataque ao World Trade Center em Nova York, em 1993¹⁵. Neil argumenta, apresentando uma série de massacres com viés racista e eventos terroristas da década de 1990, que há um imaginário *global* de terror que vem para as ruas, e o resultado é uma “reação vingativa ... a um otimismo urbano fracassado, no final da década de 1980” (Smith 1996e, 217), bem como à “falência da política liberal para os sem-teto ... [que era] óbvia em nível nacional durante a década de 1980”, mas que “estava sendo executada em nível local” no final daquela década (Smith 1996e, 223). Como os comentaristas conservadores estavam habituados a afirmar, a compaixão liberal parecia apenas exacerbar o problema. O resultado foi a campanha

15 A referência, no caso, é ao ataque, com um veículo-bomba, ao WTC, em 26 de fevereiro de 1993. (N. do T.).

de tolerância zero e qualidade de vida, do Prefeito Rudolph Giuliani. “O grito de mobilização da cidade revanchista”, concluiu Neil:

pode muito bem ser: “Quem perdeu a cidade? E de quem deve ser exigida a vingança?” Expressa nas campanhas físicas, jurídicas e retóricas contra os bodes expiatórios, identificados em termos de classe, raça, gênero, nacionalidade, orientação sexual, essa reação roteiriza o cotidiano, a administração política e as representações midiáticas da cidade americana contemporânea com intensidade crescente. A cidade revanchista é, com certeza, uma cidade dupla e dividida, de riqueza e pobreza... Mas é mais. É uma cidade dividida em que os vencedores estão cada vez mais na defensiva de seus privilégios, tal como são, e cada vez mais vingativamente os defendem. A cidade revanchista é mais do que uma cidade dupla, em termos de raça e classe. A negligência benigna da “outra metade”, tão dominante na retórica liberal dos anos 1950 e 1960, foi substituída por uma perversidade mais ativa, que tenta criminalizar toda uma gama de “comportamento”, individualmente definido, e imputar a culpa pelo fracasso da política urbana pós-1968 sobre as populações que deveriam ser assistidas (Smith 1996e, 227).

Chamar a cidade da década de 1990 de “cidade revanchista” foi de uma concordância imediata e, para muitos, o revanchismo se tornou a pedra de toque da teorização urbana — bem como um alvo a ser atacado por aqueles que liam a cidade de forma bastante diferente (por exemplo, Cloke, May e Johnsen 2010).

Sátira, Satanás e Salsichas

O revanchismo que marcou os anos 1990 não se limitou à cidade. Neil viu a Guerra do Golfo de 1991 como um ato de vingança semelhante. A guerra era também (como ele mais tarde diria em retrospectiva) parte de um “jogo final” do globalismo americano, do império do *lebensraum* americano (Smith 2005d). O seu interesse na construção do *lebensraum* americano e as suas ligações à produção de conhecimento geográfico não diminuíram. A crescente hegemonia dos SIG na geografia, pensava ele, tinha de ser compreendida em relação à implantação da tecnologia geográfica na Guerra do Golfo (Smith 1992c), e uma vez que “a implosão do regime soviético e afins, no final da guerra fria, [tinha] levado a uma reconfiguração dramática das relações geoeconômicas e geopolíticas a nível global” (Smith 1994, 491), a necessidade de compreender a “*dialética rígida*” entre o pensamento geográfico e a prática geográfica — “o entrelaçamento prático da geografia histórica construída sobre o império e a história da geografia como *prática* do império” (Smith 1994, 493) — foi mais importante do que nunca. Lentamente e muitas vezes em banho-maria, Neil continuou com seus

estudos de Bowman e sua geoarqueologia do Império Americano. Ele não publicou nada diretamente sobre Bowman durante esse tempo, embora trechos de sua pesquisa tenham aparecido aqui e ali (por exemplo, Smith 1994).

Em vez disso, ele se concentrou, pelo menos em parte, na construção de instituições e, com isso, ajudando a desenvolver uma ampla virada interdisciplinar para uma teoria social espacializada. Sua primeira incursão nessa direção foi seu envolvimento e eventual codireção do Centro de Análise Crítica da Cultura Contemporânea (CACCC; hoje, apenas CCA) da Rutgers University, que se tornou seu principal lar intelectual durante grande parte da década de 1990. Além de abrir oportunidades de bolsas no CACCC para alunos de doutorado em geografia, Neil ajudou a moldar um ambiente interdisciplinar estimulante e incisivo, e, por meio disso, a estender seu próprio alcance nos principais recintos de estudos culturais então reinantes, juntando-se, por exemplo, ao coletivo editorial *Social Text*¹⁶ (com base no CACCC)¹⁷, contribuindo para a *Public Culture*¹⁸ e, no campus, dando voz insistentemente a uma teoria cultural que tinha de estar alicerçada na realidade material e não poderia sobreviver por muito tempo sem uma sólida base político-econômica. Ao mesmo tempo, Gerry Pratt pediu para se tornar coeditora da *Society and Space*¹⁹, para o qual tinha contribuído frequentemente, mas que também temia representar tendências sócio-teóricas na geografia humana que eram, na base, problemáticas e muitas vezes reacionárias, um problema que também enfrentava agentificação da teoria: “A própria teoria está sendo gentrificada, por assim dizer”, à medida que as “análises culturais” passavam a dominar (Smith 1995a, 126) e a hegemonia conservadora do pós-modernismo apenas começava a mostrar suas rachaduras. Da sua cadeira de editor na *Society and Space*, Neil não apenas moldou a revista (e o discurso teórico crítico em geografia) por meio das submissões que incentivou e dos artigos que encaminhou para publicação, mas também por meio de intervenções curtas regulares nas páginas editoriais. Compreendendo que o convite de Pratt foi um movimento crucial para ajudar a superar algumas das clivagens importantes dentro da geografia crítica e de esquerda, Neil frequentemente expressou suas intervenções em uma linguagem de reaproximação (Smith 1995b) ou, se não, em um tom elevadamente satírico (Smith 1996b). Tal como Pratt (2004, 1) colocou vários anos depois, ao

¹⁶ <https://socialtextjournal.org/>

¹⁷ <https://read.dukeupress.edu/social-text/>

¹⁸ <https://read.dukeupress.edu/public-culture>

¹⁹ <https://www.societyandspace.org/>

agradecê-lo por seu serviço como editor, ela, como muitos, “valorizou especialmente o compromisso inabalável de Neil com o marxismo antiimperialista, articulado de maneira mais divertida [como por exemplo] em seu editorial sobre o sono, em que ele assumiu o que via como uma política cultural debilitante, que considerava quase todas as atividades — muitas vezes individualizadas — como contra-hegemônicas e transgressivas. Que isso tenha provocado mais discussões sérias (e não tão sérias) sobre sono, morte, Lacan e Derrida é talvez um exemplo curioso de *Society and Space* como um espaço contraditório!” — um espaço que, em parte pelas intervenções de Neil, foi reconhecido em uma história do discurso arquitetônico e urbano como sendo um dos poucos lugares “em que interpretações divergentes das relações entre ‘sociedade e espaço’ ... aparecem em um só lugar” (Crysler, 2003, 177 apud Pratt 2004, 1).²⁰

Neil expressou seu marxismo antiimperialista em uma esfera cada vez mais ampla de disciplinas e de movimentos na década de 1990, muitas vezes com muito gosto, mesmo admitindo estar “desanimado” com a rapidez com que as revoltas do Leste Europeu foram cooptadas por um capitalismo neoliberal particularmente bruto, para serem “imobilizadas pela vil guerra de Bush por uma nova ordem mundial, e a facilidade com que milhões apoiaram, nos países capitalistas avançados, o Império no Terceiro Mundo — tudo isso ao custo de talvez um quarto de milhão de vidas iraquianas” (Smith 1991b, 407). Ele parecia ter dado um significado literal à “imobilização” — não vendo muita esperança na grande marcha sobre Washington que precedeu a invasão do Iraque e à qual não se juntou —, pois certamente não foi desencorajado em sua análise, vendo a primeira Guerra do Golfo (“um ecocídio sem precedentes” [Smith 1997]) como uma parte central do novo tipo de imperialismo que os EUA estavam tentando construir (embora desajeitadamente). Sua coedição de *Geography and Empire* (Godlewska e Smith 1994) buscou colocar a análise crítica dos impérios e do imperialismo no centro da história da geografia, consolidando um leque de pesquisas e desenvolvendo um meio de mostrar, como Neil pontuou em um artigo de resenha, “a cumplicidade da própria disciplina com o império” (Smith 1994, 491). Nem a construção de impérios contemporâneos estava desconectada da globalização, mesmo quando esta última retrabalhou a primeira: “Muito

20 As relações de Neil com os editores, e especialmente com a editora, de *Society and Space* nem sempre foram amigáveis, como uma nota da editora deixa bem claro, em Smith (1987e, 380). Houve momentos em que Neil simplesmente não flexionou sua política para se adequar às normas do debate acadêmico.

diferente do imperialismo encabeçado pela colônia que inaugurou o século XX”, escreveu Neil (Smith 1997, 182),

a globalização da cultura e do capital no final do século não se realiza através dos ditames das administrações coloniais, das preferências comerciais coloniais, ou mesmo da iminente ameaça de retaliação militar por não cooperação. Essa última [globalização] não se evaporou, como Granada, Panamá, Haiti, Líbia e Iraque evidentemente descobriram nas últimas duas décadas do século, mas, mesmo no caso do Iraque, a estratégia militar foi um meio bastante temporário de assegurar a adesão à “nova ordem mundial”. A novidade era a extensão sem precedentes em que a exploração imperial não emanava mais do controle político e militar, mas, ao contrário, resultava da operação irrestrita do próprio mercado global.

A globalização, enraizada em um inevitável desenvolvimento desigual, produziu verdadeiras “geografias satânicas” (Smith 1997). Neil se declarou cauteloso em fazer um vínculo conceitual muito rígido entre o capital e Satanás. Parte de sua razão para fazer a conexão era retórica: não apenas a *fatwa* contra Salman Rushdie²¹, por ter escrito *Versos Satânicos* — e a subsequente deificação de Rushdie na mídia ocidental —, mas o roteiro de Rushdie sobre Maomé (Muhammad) como um “homem de negócios que virou profeta” parecia profundamente apropriado para a guerra neoliberal pós-Thatcher, pós-Reagan e ao *Zeitgeist* global. Mas o ponto crucial era este: “A diferença entre Satanás e o capital, é claro, é que por mais líquido que seja o império do capital global, a acumulação não pode prosseguir sem que o capital caia do céu, pousando na terra e tomando, pelo menos por um tempo, alguma forma fixa, um espaço para descansar a planta do seu pé.” (Em contraste, Satanás estava, nas palavras de Defoe²², “confinado a uma condição vagabunda, questionadora e instável ... sem qualquer morada certa.”). “E, na sua fixidez, o capital está no seu estado mais vulnerável. O trabalho, pelo contrário, estará no seu ponto mais forte quando a organização internacional conseguir igualar a fluidez e o alcance global do capital” (Smith 1997, 189). As geografias satânicas — que assumiram muitas formas, incluindo a cidade revanchista, bem como o novo império da globalização – tiveram de ser confrontadas com a expansão da escala da luta, correspondendo ao alcance global do capital.

Neil viu o desenvolvimento do Grupo Internacional de Geografia Crítica [*International Critical Geography Group*] como um passo muito pequeno, mas importante, na expansão da escala de oposição entre geógrafos críticos e radicais. Gestado principalmente por

21 A fatwa (ou fátua) é um decreto religioso islâmico. No caso, trata-se do decreto feito por Khomeini, que sentenciou à morte o autor dos *Versos Satânicos*, o escritor Salman Rushdie. N. do T.

22 Daniel Defoe (1660–1731), escritor inglês, autor do livro célebre *Robinson Crusoe*. N. do T.

alunos e professores da Simon Fraser University e da University of British Columbia, o primeiro ICG (Neil insistiu em assim nomeá-lo, mesmo que outros preferissem a sigla ICGG) reuniu 300 ativistas e acadêmicos de 30 países que se comprometeram a desenvolver uma organização que “encorajaria a pesquisa e o ativismo que apoiam, relatam e contribuem para as lutas políticas que buscam transformação social igualitária e justiça” (Smith e Desbiens 1999, 42; ver Katz 1998). Uma vez que “as sociedades geográficas nacionais existentes são cada vez mais capturadas por uma noção corporativa do futuro da disciplina que se alinha com, em vez de desafiar, um neoliberalismo global” (Smith e Desbiens 1999, 42), o ICG procurou mobilizar a “geografia crítica” para “galvanizar uma frente comum onde uma ampla gama de críticas radicais poderia não apenas responder à reação de dentro da disciplina, mas prosperar como um lugar onde novas ideias e compromissos políticos poderiam ser discutidos, debatidos e desenvolvidos” (Smith 2005b, 890; ver também Smith 2000c) Em especial, ele viu o ICG como um fórum onde o truísmo de que “outro mundo é possível”, um slogan popularizado pelo movimento do Fórum Social Mundial, poderia ser trabalhado em direção à realidade.

Neil não se sentia totalmente confortável com o termo “crítico”. Dentro da AAG, ele se declarou contra a renomeação do Grupo de Especialidade em Geografia Socialista para Grupo de Especialidade em Geografia Crítica, ou mesmo Grupo de Especialidade em Geografia Socialista e Crítica, porque considerou, nesse contexto, “crítico” como uma evasão ou esvaziamento do conteúdo e orientação política. Mas, dentro de um contexto internacional no qual trajetórias nacionais específicas tiveram de ser consideradas, em que, por exemplo, “socialista” tinha uma validade política muito diferente na Hungria pós-socialista estatal ou na China “marchando para o mercado” (para não falar da então recém-incorporada Hong Kong), o termo “crítico” indicava “uma ampla identidade grupal para acadêmicos e ativistas comprometidos com uma reestruturação radical das sociedades em que vivemos: capitalismo, heteronormatividade, patriarcado, imperialismo, racismo e muitas outras formas de opressão”, cada uma das quais “representando os alvos entrelaçados dessa crítica geográfica” (Smith 2005b, 890). O compromisso de Neil com o ICG, à medida que ele crescia e lutava para se perpetuar de uma maneira nova e não hierárquica, ao mesmo tempo que encontrava meios para realizar conferências em Taegu, Békéscsaba, cidade do México, Mumbai, e Frankfurt, foi precisamente tentar “desafiar as hierarquias de nosso próprio trabalho acadêmico” (Smith 2005b, 890), especialmente as internacionais, bastante obscurecidas pela hegemonia anglófona.

A formação do ICG e seu próprio trabalho nele deram a Neil um tremendo senso de otimismo político e intelectual. O fato de isso ser tanto ou mais um otimismo da vontade do que um otimismo do intelecto lhe deu ainda mais força. Mesmo quando soubemos que esse otimismo foi *realizado*, ele foi um ato político que nos persuadiu.

A *dialética rígida*, desta vez entre o trabalho de ativista e acadêmico, tornou-se ainda mais rígida quando Neil se mudou de Rutgers para o Centro de Pós-Graduação (GC) da City University of New York (CUNY), em 2000. Nomeado Professor Catedrático de Antropologia e Geografia, Neil recebeu espaço, dinheiro e apoio institucional necessários para criar o Centro Interdisciplinar de Lugar, Cultura e Política (*Center for Place, Culture and Politics*, CPCP), que rapidamente se tornou não apenas um espaço interdisciplinar vibrante dentro do GC, mas, especialmente, um elo vital entre ativistas urbanos em Nova York e seus camaradas na academia. Seus anos no CCACC haviam cimentado uma predisposição já forte para uma noção expansiva de interdisciplinaridade — baseada especialmente no confronto de boas ideias umas contra as outras (em vez de alguma imposição de cima para baixo de um projeto, como frequentemente concebido por gestores universitários, projetos frequentemente “corporativistas” na sua forma — ou a serviço do capital global e seus aparatos de Estado imperial). Neil viu o CPCP como uma chance para contestar as pressões internas no sentido de “uma educação [que] é cada vez mais profissionalizante no sentido mais estrito” (Smith 2000c, 335). Ainda mais, já que “diariamente todos nós entramos na fábrica de salsichas” que é a universidade moderna, como Neil disse, inspirando-se em uma linha igualmente famosa de Marx, e uma vez que “a filial local da fábrica de salsichas funciona como um excelente alvo para um pouco de agitação política” (Smith 2000c, 338), ele imaginou que o CPCP poderia ser um lugar onde um pouco de organização de chão de fábrica poderia ser feito. Mas não se tratava de uma organização de chão de fábrica focada apenas na loja — no que a universidade estava se tornando cada vez mais — em si mesma. Em vez disso, “também temos de manter nossos olhos focados na maior fábrica de salsichas do capitalismo global. Assumir a fábrica e operá-la democraticamente é um projeto global que todos podemos apoiar” (Smith 2000c, 338).

O “otimismo proibido” que Neil sentiu com o nascimento do Grupo Internacional de Geografia Crítica e sua empolgação com a *dialética rígida* entre trabalho de ativista e acadêmico (que também foi uma reformulação da dialética entre a geografia histórica e a história da geografia) que o CPCP representava (e rapidamente posta em prática) foram apenas

reforçados pela súbita explosão global de protestos anticapitalistas contra a globalização, primeiro em Seattle (novembro/dezembro de 1999) e, em seguida, em um leque cada vez mais amplo de pequenos, mas notavelmente visíveis protestos, que se estenderam de Bangkok a Quebec, de Washington a Gotemburgo, de Gênova a Cancún — e depois para Davos — focados nas dilapidações do G8 (mais tarde G20), OMC, FMI/Grupo Banco Mundial, NAFTA e Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), bem como no Fórum Econômico Mundial, onde o destino de nossas vidas era decidido por trás de nossas costas, mas às claras (Smith 2000a).

O otimismo que Neil sentia politicamente foi acompanhado por um certo grau de realização pessoal em meados da década de 1990. Ele e Cindi Katz se casaram no início da década e juntos compraram uma casa em Highland Park, cujo quintal logo floresceu, com buddlejas, alimentadores para pássaros, tomates e tulipas. Neil era conhecido na vizinhança por roubar mudas dos jardins dos vizinhos e persuadí-las a viver em seu pequeno lote, bem como por sua temporada de verão de batalha, em que geralmente perdia, contra a invasão de hera venenosa (à qual era altamente alérgico). Dentro da casa — a despeito de escritórios separados, onde Cindi e Neil poderiam trabalhar —, a mesa da sala de jantar estava sempre amontoadada com papéis dobrados, rabiscados impacientemente, exemplares de *New Left Review*, *Society and Space*, *Antipode*, *Annals*, lidos pela metade, pilhas de edições do *Chronicle of Higher Education* e *Lingua Franca*, e do antigo *New York Times*, em vários estados de desmembramento, enquanto Neil continuava seu hábito de longa data de recortar todos os artigos que encontrava que tivessem qualquer relação tangencial com seus inúmeros interesses. A varanda da frente, sombreada por um bordo japonês gigante (tão grande que, como foi descoberto mais tarde e de forma espetacular, havia batido suas raízes nos canos de esgoto) era para se sentar com uma cerveja e um livro ou, às vezes, encontrar estudantes.

American Empire (e o Jogo Final da Globalização)

Nem o otimismo, nem a sensação de realização pessoal duraram. A mudança para a CUNY (*City Univesity of New York*) foi profissionalmente boa para Neil, mas seu casamento com Cindi atingiu um ponto difícil e se desfez em alguns anos. O hábito de beber de Neil, sempre prodigioso, aumentou. Depois de sua mudança, ele brincava que o escritório de O'Reilly na 35th Street, a meio quarteirão do GC, era seu "segundo lar", mas cada vez mais parecia se

tornar o principal. Ainda assim, sua presença no GC deu uma grande vida a seu corpo intelectual e politicamente vibrante (Darling 2012). Então veio o 11 de setembro [de 2001]. Tão chocado quanto qualquer um com a ferocidade incrível — e astúcia — do ataque, “nas semanas seguintes Neil foi excelente”, de acordo com Eliza Jane Darling (2012, np), uma de suas alunas na época. Quando os alunos e colegas começaram a voltar para o GC e para o CPCP, uma semana após os ataques:

Neil e o diretor do Centro, Omar Dahbour, nos deram o espaço para ficarmos — especialmente naquele primeiro dia, andando um por um ao redor da mesa, contando nossas histórias de chegada ao que parecia ser uma nova época histórica —, mas nos empurrou suavemente, eventualmente, para analisar e organizar os acontecimentos. Não houve triunfalismo presunçoso na abordagem de Neil naquele dia terrível, nem amnésia histórica, nem perplexidade imatura, nem futilidade desesperada, nem cálculo analítico frio. Ele foi uma presença sólida e reconfortante, que compartilhou intensamente a tristeza de sua amada cidade adotiva, mas estava ciente desde o início do revanchismo brutal que estava por vir e trabalhou para evitá-lo (Darling 2012, np).²³

Em particular, Neil procurou entender os mecanismos pelos quais um evento que era “profundamente local”, bem como “óbvia e essencialmente um evento global” veio tão rapidamente a ser “transformado em uma ‘tragédia’ nacional”, já que “havia pouca coisa que fosse automaticamente nacional na escala desses dois ataques locais” (Smith 2001b, 631; ver também 2002f). A escala nacional e o nacionalismo rapidamente se tornaram hegemônicos no discurso (e nas práticas de governo) dos EUA após o 11 de setembro, mas era contraditório. Como Neil argumentou, o rápido apagamento do ataque ao Pentágono da discussão midiática, estatal, popular e até mesmo militar dos ataques representou um dilema: “por um lado, o ataque ao Pentágono fornece uma peça vital do quebra-cabeça para a construção de um caso sobre um ‘ataque à América’, uma vez que alvejar apenas o WTC poderia ter muitos outros significados; no entanto, por outro lado, a queda deliberada e devastadora de um jato comercial no quartel-general de uma potência militar global demonstra precisamente a vulnerabilidade impressionante dessa potência nacional” (Smith 2001b, 632).

A cumplicidade da mídia em roteirizar o 11 de setembro como um evento nacionalista e, em seguida, promover a guerra dos EUA no Afeganistão (frequentemente contra afegãos inocentes) irritou Neil, mas também provou uma de suas questões de longa data: que a

23 Para a própria resposta angustiada, mas reflexiva, politicamente aguçada, e bastante humilde, de Neil aos ataques logo nos primeiros dias após o ataque, ver o texto, bastante reproduzido, “Ashes and Aftermath” [Cinzas e Consequências] (Smith 2001a, 2002a, 2002b).

ignorância geográfica americana era produzida e que foi produtiva para objetivos geopolíticos específicos: “O efeito líquido da cobertura da imprensa dos EUA não foi apenas neutralizar vozes opositoras generalizadas, mas também cobrir os Estados Unidos com um véu nacionalista de ignorância popular. Intencional e instintivamente, a imprensa e o governo se uniram para imunizar a população dos Estados Unidos contra os fatos e imagens de uma guerra travada em nome de cidadãos americanos ...” (Smith 2001b, 634). Essa “ignorância fabricada” (Smith 2001b, 634) dificilmente era nova, como os estudos de Neil sobre Bowman e a geopolítica americana de meados do século XX mostraram e, assim, apesar de um pessimismo crescente sobre a capacidade dos movimentos populares de mudar o curso do império americano, Neil se dedicou novamente, na esteira do 11 de setembro, a terminar o que sempre chamou de seu “grande livro”.

American Empire: Roosevelt’s Geographer and the Prelude to Globalization (2003), que foi substancialmente redigido antes de 11 de setembro, saiu menos de dois anos depois (com uma adorável dedicatória a Cindi, qualquer que fosse o status real do relacionamento deles, Neil sabia que esse era um livro que não poderia ter escrito sem ela, e sem seus próprios estudos importantes sobre as geografias locais e globais da reprodução social, o que ele chamou de “uma topografia inversa, à sua maneira, do Império Americano” [Smith 2003, xxvii]). *American Empire*, que ganhou o *Los Angeles Times Book Award for Biography*,²⁴ é uma complexa — e sempre lúcida — dupla narrativa. Por um lado, conta a história de Bowman, sua ascensão, seu trabalho na definição da política externa de Wilson e Roosevelt e, portanto, a ambição global dos Estados Unidos e, especialmente, seu lugar central no enquadramento do “papel equivocadamente da geografia nesse império americano emergente” (Smith 2003, 2). Por outro lado, narra a história precisamente desse Império: como ele foi construído, como ele opera em princípios relacionados, mas diferentes dos impérios que o antecederam, e como ele é a força vital na formação da globalização capitalista contemporânea ou o que Neil chamou, com precisão, um “globalismo” particularmente americano. Ao mesmo tempo, forneceu um modelo da história da geografia profundamente empírica, teoricamente incisiva e contextualmente rica que Neil há muito defendia. O livro *American Empire* era tudo, menos monótono, descritivo e defensivo. Nas palavras de Alex Checkovich (2005, 455), escrevendo

24 Ele também ganhou o Prêmio *Henry Adams* por Livro, da Sociedade de Historiadores do Governo Federal [dos EUA], em 2004, que foi central para sua conquista do *Globe Award* para a Compreensão Pública da Geografia da AAG, no mesmo ano.

na revista de história da ciência *Isis*: “Aqui, finalmente, está uma monografia que coloca as estratégias e práticas de um importante geógrafo americano em um rico contexto social.” Esse contexto social, Neil argumentou, foi determinante para três impulsos principais do globalismo americano — as tentativas de garantir o *Lebensraum* americano — primeiro na esteira da Primeira Guerra Mundial, na qual Bowman foi fundamental nas maquinações em torno do Tratado de Paris; o segundo impulso, por volta da Segunda Guerra Mundial, quando Bowman ajudou a teorizar e implementar o que Luce chamou de “O Século Americano”; e, finalmente, após o colapso do socialismo de estado em 1989, no qual Bowman, é claro, não teve nenhum papel, mas a contraditória geoeconomia (não apenas geopolítica) do império, que ele ajudou a elite americana a compreender, parecia finalmente à beira da realização, e da qual a segunda Guerra do Iraque, movendo-se da marcha triunfante sobre Bagdá (com Bremer desintegrando à força a economia do Estado baathista e vendendo seus ativos para o capital liderado pelos americanos a preços de liquidação²⁵, mesmo enquanto lançava as bases legais para um novo tipo de hegemonia) para uma guerra de guerrilha opressora, onde o “fim de jogo” imperial da América parecia pronto para se desfazer (cf. Smith 2005d).

O livro *American Empire* foi amplamente revisado, tanto dentro quanto fora da academia. Fora da academia, longas resenhas e ensaios apareceram em publicações que iam da *New Left Review* e *The Nation* ao *American Conservative*, e do *Los Angeles Times* e *In These Times* ao *Washington Times*. No interior da academia, encontrou igual crédito e foi frequentemente objeto de ensaios e colóquios de geografia (sua resenha na *Political Geography* se estende por quase 30 páginas), história e até mesmo periódicos literários como *Raritan*.²⁶ (Surpreendentemente, parece não ter sido resenhado nos *Anais* [da Associação Americana de Geógrafos] nem na *Transactions*)²⁷. Os comentários realizados registraram um envolvimento profundo e abrangente com os temas do livro, muito além do que normalmente se encontra em

25 Paul Bremer foi administrador, entre 2003 e 2004, da pretensa “coalizão” de Reconstrução e Ajuda Humanitária no Iraque, durante o governo de George W. Bush. “Baathista” é uma referência ao Partido Socialista Árabe Ba'ath, que governava o país à época.

26 Bowman parece despertar pensamentos não reconhecidos — e certamente não teorizados por Smith — sobre basquete. Andrew Herod (2005) começa sua resenha sobre *American Empire* na revista *Area* com uma discussão sobre a fama global do (geógrafo) Michael Jordan. Richard White (2004) também sugere na *Raritan* que o (não geógrafo) Kobe Bryant é mais propenso a ser discutido no noticiário noturno do que o Império, mesmo após a invasão do Iraque pelos Estados Unidos. Parece não haver evidências de que Bowman fosse particularmente atlético, nem mesmo alto.

27 *Transactions of the Institute of British Geographers* é uma publicação conjunta do Instituto Britânico de Geógrafos e da *Royal Geographical Society*. N. do T.

resenhas de livros acadêmicos. Apreciativos, na verdade admiradores da profundidade empírica e, para alguns deles, da ambição teórica e política de *American Empire*, os revisores, por outro lado, não souberam o que fazer com o livro. Neil enfatizou que não se tratava de uma biografia, mas sim, de um livro organizado em torno da vida e ações de Bowman, seus múltiplos envolvimento e muitas intrigas, seu papel central na geografia, na política e nas maquinações da elite entre Cambridge, Nova York e Washington. Os revisores culpavam Neil por desprezar os detalhes biográficos, especialmente a “vida íntima” de Bowman: ou estavam somente confusos com sua decisão de não os destacar; ou estavam preocupados com a política; ou imputaram a ele uma unilateralidade que só via o mal do Império Americano, não vendo males maiores em outros lugares (tanto que ele foi compelido a responder em um ponto: “Devo dizer que este não era um livro sobre Stalin, na verdade, mas um livro sobre Isaiah Bowman e o Império Americano” [Smith 2005a, 266]); ou, alguns deles, principalmente historiadores, ficaram frustrados com o que viram como uma linguagem excessivamente teórica e obscura (mesmo que outros, principalmente geógrafos, ficassem emocionados com a clareza e precisão de sua escrita e sua capacidade de elaborar, tão convincentemente, argumentos e afirmações difíceis). Mas todos, entusiastas e detratores, pareciam concordar que, como o próprio Neil disse, “a liga entre geografia, política e história que eu buscava nesse livro ... se amalgamou, um tanto desajeitadamente, em diferentes campos, como biografia, história da geografia e história política sobre a formação do Império.” A principal questão para a maioria dos revisores parecia ser precisamente o quanto conseguiu se amalgamar entre esses campos e, para alguns, que pontos deveriam ter atingido (um envolvimento mais profundo com as pioneiras histórias antiimperialistas, tais como as de Walter LeFeber e William Carlos Williams; uma compreensão mais completa das contradições do imperialismo *territorial* dos EUA do século XIX; uma melhor contabilidade da existência continuada do colonialismo territorial em um Império americano que se via como “além da geografia”; um reconhecimento mais completo da resistência interna, muitas vezes da elite, às ambições imperiais da América; uma história mais completa do papel do poder militar na abertura do globo para o *Lebensraum* americano; uma maior abrangência histórica, incluindo as ações dos geógrafos franceses e não apenas americanos, britânicos e alemães; e muito mais). Mesmo aqueles mais críticos a *American Empire* reconhecera o quanto ele marcou uma reorientação significativa de nossa compreensão

da natureza do imperialismo americano e do papel da geografia — como processo e fato material e como disciplina — dentro dele.

A batalha por ideias foi travada e Neil leu muitas de suas críticas com cuidado, preparando brilhantemente as respostas, raramente cedendo sequer uma polegada.²⁸ Sua tréplica principal veio menos de dois anos depois, com a publicação, no final de 2004, de *The Endgame of Globalization* (Smith 2005d), um livro muito diferente, mas claramente relacionado ao *American Empire*. Por um lado, é um livro curto. Eu o li todo no trem, de Nova Iorque a Syracuse, em fevereiro de 2005 — ou seja, em menos de seis horas, com muitas pausas para olhar o Hudson pela janela. É tão estimulante e organizado — o tipo de letra é grande e o espaçamento é generoso — como *American Empire* e é *rigidamente* argumentado e quase barroco na estrutura. E a vida mudou: agora Deb Cowen ocupava um lugar de destaque nos agradecimentos. De certa forma, *Endgame* é *American Empire* sem Bowman (e sem a história da geografia) e escrito com um sentido de urgência política bastante diferente. Ele busca mapear as areias movediças do globalismo americano, conforme se transformava do neoliberal “Consenso de Washington” da década de 1990 (de certa forma, o apogeu de um Império americano “além da geografia”, que foi ao mesmo tempo uma reterritorialização do mundo, já que “o imperialismo ... nunca abre mão da definição territorial” [Smith 2005d, 51]) ao neoconservadorismo dos anos 2000, bem como busca colocar essa mudança, que no final é entendida como principalmente epifenomenal, dentro de seu contexto histórico — que é precisamente o contexto em que *American Empire* fora tão completamente exposto. Há aqui uma questão principal, e Neil procura empilhar as contradições de um império que é, ao mesmo tempo, globalista e nacionalista, na esperança de que não demore muito até que essas contradições se tornem tão grandes que caiam no abismo à sua volta.

O 11 de setembro de 2001 lançou os Estados Unidos, sob a administração de George W. Bush, no que Neil via como seu fim de jogo, que, esperava, citando Samuel Beckett, rapidamente se tornaria num “fim de jogo perdido” (Smith 2005d, 2), uma esperança para o qual a série impressionante de derrotas dos EUA nas negociações comerciais globais — das

28 As evidências sugerem, contudo, que ele cedeu a algumas delas, mais particularmente uma longa e crítica revisão do sociólogo e economista político porto-riquenho José Anazagasty, publicada no fórum online Meghbarta (e sobre a qual comentou publicamente): embora tenha contestado algumas das afirmações de Anazagasty, também levou em conta o principal argumento de que o imperialismo americano “além da geografia” é (e se sente) muito diferente de dentro das colônias territoriais realmente existentes nos EUA.

demandas agrícolas na reunião da OMC em Cancún em 2003 e o fim de grande parte da ALCA em Miami e Monterrey, na mesma época, até uma série de recusas da OMC e do FMI às iniciativas dos EUA — deu alguma substância. O rápido recuo para o unilateralismo pode ser exemplificado pelo papel, muito anunciado, do Projeto para um Novo Século Americano na elaboração da política externa e estratégia militar pós-11 de setembro, coberto pela construção de uma “Coalizão dos Dispostos”, quando a maior parte do mundo recusou a exigência dos EUA de se juntar à invasão do Iraque, sugerindo que, como Neil estava escrevendo, poderíamos estar no “zênite [do] terceiro momento da ambição global” (Smith 2005d, 27). O argumento apresentado por Neil mesclava uma análise geoeconômica com uma geopolítica — precisamente porque o que o governo Bush parecia decidido a fazer, enquanto jogava fora o jogo final da globalização, era colocar a geopolítica a serviço da geoeconomia. Depois do 11 de setembro, “a maior região recalcitrante do mundo, o cadinho da oposição a um capitalismo global centrado nos EUA, agora poderia ser posta de lado. A decapitação da Al Qaeda ... foi um primeiro passo óbvio e vital, mas o Iraque seria o marco zero para uma conquista mais ampla” (Smith 2005d, 191). Porém, três “I” conspiraram para minar o triunfo vindouro do liberalismo americano-global em sua forma imperial: a) depois do 11 de setembro, os Estados Unidos rapidamente se *isolaram* no Estado global, com seu nacionalismo repugnantemente belicista e bruto para grande parte do mundo; b) os EUA provaram simultaneamente sua *incompetência* como administradores globais, qualquer que fosse sua presença militar pura, em todo o mundo; c) e, por fim, os sonhos dos Estados Unidos eram — e são — de fato impossíveis, já que seja qual for seu alcance militar não podem estar em todos os lugares, principalmente sendo *impossível* ganhar uma guerra contra um conceito, especialmente um tão escorregadio como o “terror” (Smith 2005d, 195–200). Na maior parte, porém, a ambição global dos EUA era economicamente impossível: em 2005, Neil já diagnosticava claramente a crise financeira que viria alguns anos depois. Qualquer outro país, argumentou ele, exibindo os níveis de dívida, os desequilíbrios comerciais e a miríade de outras enfermidades estruturais da América, há muito teria sido quebrado pelo FMI e pelo Grupo Banco Mundial, forçado a um curso de severa austeridade (que deveria começar com os gigantescos orçamentos militares e afins, mas que, em vez disso, cairiam sobre as classes trabalhadoras, médias e pobres). Dada a posição dos EUA na economia global, uma crise econômica total e irrestrita seria necessariamente global. Como estamos vendo, são os trabalhadores da Islândia primeiro, e depois da Irlanda, da Grécia,

da Espanha, de Creta, e assim por diante, que são levados a assumir a responsabilidade. No entanto, como também estamos vendo, “o jogo final da globalização como a conhecemos ... é improvável que venha como um gemido militar ou econômico do império, dissolvendo-se em sua própria impossibilidade” (Smith 2005d, 201).²⁹ Terá que ser forçado.

O Imperativo Revolucionário

E aqui, cada vez mais, Neil depositou esperança nas crescentes coalizões — tão mutáveis e sujeitas a contratempos como eram — de forças anticapitalistas, de organizações locais antigentrificação, de organizações pelo direito à habitação, da promessa vislumbrada no movimento do Fórum Social Mundial (embora Neil fosse um pouco mais cético do que muitos outros), e nas organizações que começaram a se manifestar sob a bandeira do Direito à Cidade (instituiu, com David Harvey, um grupo de leitura em torno dessa ideia no CPCP, que reuniu ativistas, artistas, estudantes e professores de Nova York e arredores). Todos esses movimentos prometiam que “outro mundo era possível” — precisamente o slogan que Neil havia ajudado a tornar central para o trabalho do ICG — e buscavam maneiras de concretizá-lo. Neil intensificou seu envolvimento com essas organizações, agora não apenas em Nova Iorque (onde trabalhar com a *Harlem Tenants Association* [Associação de Inquilinos do Harlem, em tradução livre] era particularmente importante), mas também em Toronto, onde ele e Deb estabeleceram uma parte de sua vida transfronteiriça juntos e onde eventualmente compraram uma casa em que Neil podia satisfazer sua paixão pela jardinagem, uma produção da natureza que ele aprovava completamente. No Canadá, apesar da ligação com Deb, Neil se envolveu especialmente com ativistas dos Povos Originários [First Nation] e dos suburbanos, enquanto encontrava tempo para participar de piquetes de estudantes de pós-graduação em solidariedade durante greves estudantis.

Anos de teorização sobre a produção da natureza demonstraram a rapidez com que Neil realizou uma análise, tipicamente incisiva e política, quando o furacão Katrina atingiu

29 Simultaneamente à publicação de *Endgame*, Neil deu uma palestra com o mesmo título, em 2005. A versão publicada em *Political Geography* é acompanhada por três comentários e uma resposta de Neil. O animado debate — em que os comentários tendem a fazer tudo o que podem para defender o liberalismo moribundo da América contra as acusações que Neil fez contra ele, além de contestar sua pesquisa acadêmica, sua visão política e, especialmente, a maneira que combinou ambos — foi publicado na primeira edição do volume 25 da citada revista, em 2006 (ver Smith 2006b, 2006c).

Nova Orleans e a Costa do Golfo — “O furacão Bush”, ele o chamou (Smith 2005c) —, um exame que não apenas deixou claro, logo no título, que “não existe tal coisa como um desastre natural” (Smith 2005e, 2005f), mas, especialmente, explicou o porquê. Foi uma análise apanhada por ativistas em todos os lugares, indicando também o retorno de Neil às questões da natureza e seu papel na economia política capitalista (Smith 2006a 2007, 2008c). Não existem desastres naturais porque a natureza agora era “uma estratégia de acumulação”, e o próprio desastre tinha sido significativamente financeirizado (Neil citou um artigo do *New York Times*, de 2006, observando como os gestores de fundos de investimento de risco estavam “empilhando” dinheiro em resseguros; Smith 2007, 773) e o futuro do clima estava se tornando mais quente a cada minuto (Smith 2007, 778). A natureza estava cada vez mais envolvida na circulação do capital, agora não apenas na indispensável (e produzida) base de produção e reprodução. Nesse processo, a segunda natureza foi sendo cada vez mais abstraída. Contra tudo isso, Neil argumentou que havia de fato uma alternativa, que outro mundo era possível: Cuba. Essa ilha caribenha socialista havia crescido muito bem, resistindo até mesmo aos furacões mais violentos, mais notavelmente, o Ivan, de 2004, que matou dezenas em todo o Caribe e nos Estados Unidos, mas não matou ninguém em Cuba. Não só a natureza era produzida de forma diferente lá, mas, especialmente, a preparação para desastres se baseava em maneiras totalmente diferentes de compreender não apenas a ameaça que as tempestades poderosas traziam, mas especialmente um sentido diferente de solidariedade social, combinado a uma abordagem menos tecnocrática de preparação para desastres, concentrada particularmente em evacuação, incluindo animais de estimação (Smith, 2007).

A resposta ao desastre foi, em outras palavras, um “projeto de classe”. “A financeirização do desastre absorve a política de quem vive, de quem morre e cuja vida é totalmente destruída, deslocando esse poder bruto para os frios cálculos multibilionários, privatizados e anódinos dos cidadãos das salas de reuniões. Lá, a ‘banalidade do mal’ de Hannah Arendt está viva e muito bem” (SMITH, 2007, 783). Por quase uma década, Neil vinha se perguntando sobre “o que aconteceu com a classe” em análises geográficas e outras análises críticas (Smith 2000b) e como os desastres no Afeganistão, Iraque e Nova Orleans abriram espaço para o desastre global do capitalismo, que começou a se desdobrar na paisagem em 2006. Essa questão se tornou cada vez mais urgente, embora não pudéssemos saber disso pelas preocupações dos geógrafos “críticos”. Por mais que Neil gostasse de jardinagem, e por mais

que se importasse com as lutas pelas hortas comunitárias que Giuliani estava tentando apreender e revender em Nova Iorque, ele ficou chocado com o fato de o “fórum crítico de geografia” parecer tão obcecado por isso, reduzindo toda a luta política à política “essencialista” de certo tipo de jardinagem da classe média: o que havia de político na geografia crítica, ele perguntou, especialmente numa geografia crítica na qual a análise de classe não tinha lugar (Smith 2000b, 1013). Ele reprisou essa pergunta em 2005, questionando o que agora chamava de “geografia neocrítica”, personificada especialmente por Ash Amin e Nigel Thrift, e os véus que restringiam sua visão de classe. Eles pareciam capazes de somente ver um “mundo plano pluralista da classe empresarial” (Smith 2005b) e, por causa disso, não conseguiam ver como a produção do mundo ao seu redor era tão terrivelmente desigual: um projeto de classe moldado por meio de uma luta incessante pelos próprios elementos da vida social e econômica. “A questão não é se esse ‘mundo mais plano’ está acontecendo para algumas pessoas em alguns lugares, mas o que mais está acontecendo ao lado e em flagrante contradição com ele” (Smith 2005b, 895). A luta de classes estava ao nosso redor e também na academia: “os adeptos geográficos da terra plana³⁰ parecem colaborar para a obliteração dos próprios *insights* que colocaram a geografia no mapa político e teórico após a década de 1970 — ou seja, a crença central de que sociedades socialmente divididas reproduzem suas formas de diferença social no espaço geográfico e, por corolário, que geografias produzidas hierarquicamente reafirmam e reproduzem as diferenças sociais” (Smith 2005b, 895).

Essas geografias produzidas hierarquicamente poderiam ser produzidas de outra forma (essa é a lição de Cuba durante o furacão Ivan). E, assim, Neil voltou sua atenção para a revolução e, especialmente, o que chamou de “imperativo revolucionário” (2010). Foi uma época de turbulência em todo o mundo. Os primeiros estrondos da Primavera Árabe ainda não haviam sido ouvidos e o Movimento Ocupar ainda não havia sido imaginado (Neil se emocionou com os dois quando finalmente chegaram), mas a recusa da Islândia em ceder aos ditames das instituições financeiras globais, a crescente política de rua na Espanha e na Grécia, os sucessos, embora parciais, do socialismo bolivariano na América Latina (impulsionado pelas demandas radicais dos manifestantes das ruas de Quito a Caracas, de Buenos Áries a El Alto), os crescentes movimentos estudantis, de Berkeley a Glasgow e Santiago (muitas vezes lutando *não apenas contra* o aumento das mensalidades e coisas do gênero, mas também *pela* audaciosa

30 “Terra plana” aqui é uma alusão ao “mundo plano pluralista da classe empresarial”. (N. do T.).

ideia de uma educação *pública*), o colapso de todas as garantias da ordem neoliberal na esteira da crise financeira, o recurso à lei quase marcial para recuperar o controle das ruas em Toronto durante a reunião do G20 de 2010 (Smith e Cowen 2010), etc. sugeriram a Neil que era hora de reacender a imaginação revolucionária (Smith 2010). No mundo plano pluralista da classe empresarial, com todo o triunfo ideológico do capitalismo, “não havia alternativa” pós-1989 (ele próprio tornado possível pela revolução), e “a própria possibilidade de revolução [tinha] se tornado ideologicamente absurda” (Smith 2010, 51). Tomando uma linha de Habermas sobre o modernismo, Neil argumentou que o neoliberalismo estava agora “gravemente ferido [...] dominante, mas morto” (Smith 2009d, 54, 2008a, 2008b). Ele precisava ser varrido. O que não era necessário era um retorno a algum tipo de *New Deal*; isso era muito “pouco ambicioso [...] [e era] colocar a carroça na frente dos bois” (Smith, 2010, 60). O cavalo [da revolução] estava se organizando e lutando para mudar, para tornar possível outro mundo.

A revolução pode, como [C.L.R.] James (1993) sugere, chegar como um ladrão à noite, mas se houver um assalto ao capitalismo, o ladrão precisa vir com algumas ferramentas. Algumas ferramentas são ideias intelectuais; outras são ferramentas da imaginação sobre outros mundos; outras ainda são nossos corpos humanos, mas o mais importante, são uma organização social e política para um futuro mais humano. Ou, como Goethe colocou, “Alguém ganha a liberdade e a vida quando as toma todos os dias pela tempestade” (Smith 2010, 64).

Uma das contribuições de Neil para a caixa de ferramentas seria um livro sobre a geografia da revolução, e grande parte dos seus escritos posteriores — e de sua docência na CUNY, onde ministrou um seminário sobre revolução — foi orientada para a junção das peças de tal livro, composto de referências em partes iguais à longa história e à geografia dos movimentos revolucionários em todo o mundo e teorizando possibilidades revolucionárias no âmbito dos fatos de um capitalismo globalmente desigual, dominante, mas morto.³¹

Mas, se Neil, como Goethe, pensava que a liberdade e a vida eram conquistadas pela tempestade, a realidade era que sua própria vida era tempestuosa. Dadas as aparências externas, em meados dos anos 2000 Neil estava em sua melhor forma. Suas ideias estavam sendo cada vez mais adotadas por grupos ativistas, especialmente por forças antigentrificação, em todo o mundo; ele era cada vez mais solicitado para falar e inspirar esses grupos, e suas

31 Outra contribuição foi um esforço colaborativo com seus alunos para o seminário *Revolution, Revolting New York*, em que apresentaria a geografia histórica da revolta, rebelião, motim e revolução da cidade de Nova York. Esse projeto ficou inacabado quando Neil morreu e seus alunos estão atualmente trabalhando para terminá-lo e imprimi-lo.

viagens globais se tornaram cada vez mais direcionadas por oportunidades de se relacionar com suas lutas; ele estava sendo publicado em uma gama cada vez mais ampla de jornais e sites acadêmicos, especialmente de ativistas políticos; entrevistas com ele eram frequentemente solicitadas; depois de vários anos esgotado (mas disponível em seu site como PDF), o *Uneven Development* foi republicado com novos prefácios e posfácios; *The New Urban Frontier* permaneceu com vendas estáveis e sendo um livro realmente engajado — um livro que continuou a inspirar incontáveis estudantes e ativistas que buscavam entender as mudanças nas cidades que conheciam, lutavam e estudavam. Mas as aparências externas raramente são tudo o que existe. E as contradições que moldaram a vida de Neil se aprofundaram. Apesar do frequente entusiasmo exterior de Neil, os meados dos anos 2000 foram uma época triste e difícil para ele. Quando seus pais morreram, em rápida sucessão, Neil ficou deprimido. Ele tinha um relacionamento complicado com eles, especialmente com sua mãe, que não estava muito resolvido quando ela morreu, e isso o afetou muito. Um incêndio no apartamento ao lado do seu, em Murray Hill, apagado apenas quando os bombeiros o acessaram abrindo um grande buraco em sua parede, o deixou sem teto e desorientado por vários meses, enquanto ele se mudava de alojamento temporário para alojamento temporário, esperando para ver se algum dia voltaria. A infidelidade a Deb Cowen parecia incomodá-lo, mas parecia pouco impedi-lo. Sua relação com a bebida piorou. Costumava estar bêbado quando aparecia para dar aulas. Frequentemente perdia compromissos para dar palestras ou para participar de conferências. Recusava-se a ouvir as súplicas de amigos e colegas que passaram por lutas semelhantes, rejeitando admitir a profundidade de seus problemas. Deixou de dormir à noite e tendeu a adormecer nos seus próprios seminários (mesmo quando não estava bêbado). Teve erupções cutâneas. E estava profundamente deprimido. Ele mal conseguia se levantar para cuidar do jardim dele e de Deb em Toronto. Em 2009, ele foi diagnosticado com cirrose hepática avançada. Foi-lhe dito, em termos inequívocos, que, se não parasse de beber, morreria. Mesmo parando de beber, seu fígado já estava seriamente comprometido e provavelmente também havia alguns danos cerebrais (fígados doentes injetam várias toxinas no cérebro, minando a capacidade cognitiva).

Ele parou de beber. Um certo gosto pela vida — o “velho Neil” que alguns de nós reconhecíamos e amávamos — voltou rapidamente. Achei a reviravolta notável na primeira vez que o vi depois que ele parou de beber. A velha impetuosidade estava de volta e ele parecia

bastante satisfeito com a cerveja sem álcool em suas mãos (estávamos em uma noite de St. Patrick³² na glamourosa Manhattan). Ele estava falando novamente de seu livro sobre a revolução. Ele de novo falava sobre a batalha de ideias. Ele já havia se mudado para um novo apartamento, no bairro de Gowanus, no Brooklyn, e ele e Deb queriam comprar, e acabaram encontrando, um lindo apartamento em um complexo urbano-jardim modelo, em Jackson Heights, no Queens.

Mas a reviravolta não durou. A depressão — se foi isso — não foi diagnosticada e tratada. Queixou-se de não ser capaz de saber escrever; o álcool, pensava ele, sempre fora fundamental para sua criatividade. Eventual e fisicamente, isso poderia ser verdade. Escrever e beber andavam juntos. Ele começou a beber novamente. Com a lógica do dependente, ele pensou que poderia mantê-lo com moderação e se convenceu de que não faria mais danos à sua saúde. Em ambos os casos estava errado. Na época em que ele e Deb se mudaram para Jackson Heights, estava bebendo mais do que nunca. Sua saúde piorou. Ele começou a procurar antigas e novas namoradas. Ao mesmo tempo, o *Occupy Wall Street* explodiu ao seu redor. Atirou-se, dando palestras, apoiando ativistas estudantis, discutindo estratégias, depositando esperanças no que parecia ser outra mutação do movimento global, às vezes demasiado incipiente, para outro mundo.

Enquanto o ano revolucionário de 2011 deslizava para o ano não tão revolucionário de 2012, Neil mergulhou mais fundo em seu vício, reunindo por vezes um pouco da grande diversão de beber, como na grande festa de geógrafos de esquerda que ajudou a organizar, no *Ace Bar*, durante encontro da AAG de NYC, mas também, certamente, se matando lentamente. Seu fígado estava degradado. Ele ficou com icterícia. Quando o vi na semana anterior à sua morte, ele estava amarelo vivo. Estava também desorientado — não me reconheceu quando nos encontramos na primeira manhã — sempre exausto, realmente doente. Tínhamos nos encontrado em um dos câmpus universitários suburbanos de Paris, para uma conferência organizada por jovens geógrafos radicais franceses, na esperança de dar início a uma abordagem mais crítica a um campo que eles pensavam estar muito enraizado no tecnocratismo. Neil apostou tudo — ou queria poder apostar. Foi convidado para dar uma palestra sobre a história e as experiências da geografia radical anglo-americana. Foi um *tour de force* típico de detalhes

³² O feriado de Saint Patrick (17 de março) se refere a uma celebração da comunidade irlandesa em várias partes do mundo. (N. do T.)

históricos, percepções teóricas e análises políticas, dissecando as condições estruturais que permitiram o florescimento do radicalismo na geografia anglo-americana nas décadas de 1970 e 1980 e as condições que levaram ao crescente conservadorismo do campo, especialmente na Grã-Bretanha. Ele examinou a natureza mutável da universidade, o papel das medidas avaliativas e fiscais na regulamentação do processo de trabalho e como uma nova geração de acadêmicos, liderada de fora do coração anglo-americano, teve a chance de revigorar uma geografia verdadeiramente política. Foi um *tour de force*, mas apenas no papel. Sua leitura foi ruim, assustadora. Perdia-se sempre, tropeçava nas suas próprias palavras, repetia parágrafos inteiros. Foi triste. Quando conversei com ele pessoalmente, ficou totalmente perplexo. Claro que ele sabia o que estava errado; mas, ao mesmo tempo, recusava-se a admiti-lo. De qualquer forma, era tarde demais. Ele me disse que havia parado de beber de novo e disse isso com um pouco de orgulho. Mas os médicos dizem que, quando o fígado desliga, desliga também a necessidade de álcool. Muitos alcoólatras moribundos deixam de beber. Em seus momentos de maior lucidez, falou com grande expectativa de uma entrevista que faria com Yves Lacoste ao final da conferência.

Não sei se ele fez a entrevista. Um ou dois dias após o término da conferência, de alguma forma, ele voltou a Nova York e foi ver seu médico. O médico imediatamente o internou no hospital e ligou para Deb, em Toronto, para lhe dizer que ele não voltaria. Neil morreu em 29 de setembro de 2012, com Deb ao seu lado e amigos reunidos, o imperativo revolucionário mais forte do que nunca, mas agora sem ele para nos ajudar a ver como e por quê.

Agradecimentos

Como acontece com os obituários, muito mais curtos, dos *Anais* da Associação de Geógrafos Americanos, dos quais foi extraída esta tentativa mais completa de reduzir muitas das ideias de Neil e um pouco de sua vida às duas dimensões do papel (ou uma dimensão dos impulsos eletrônicos), precisei de muita ajuda. Deb Cowen, Cindi Katz, Susan Millar, Nik Heynen, Lynn Staeheli, Tom Slater, David Harvey, Ruthie Gilmore e todos aqueles que escreveram obituários ou compartilharam ideias devem ser agradecidos. Pelas interpretações errôneas de ideias e incompreensão de quem era Neil, vou assumir toda a culpa. Em um ano desde a morte de Neil — que foi gasto escrevendo esta apreciação crítica — ele nunca deixou

de estar acima de meus ombros (nem para o bem, nem para o mal, oferecendo-me uma bebida). Ele permanece comigo sempre que escrevo (sobre qualquer coisa), quando trabalho com estudantes, quando penso e ajo politicamente e quando extirpo ervas daninhas em meu jardim. Suas falhas eram completamente parte dele. Para mim, acima de tudo, Neil precisa ser agradecido.

Referências bibliográficas

Checkovich, A. (2005) Review of *American Empire*, *Isis* 96, 455-56.

Cloke, P., May, J., and Johnsen, S. (2010) *Swept Up Lives? Re-envisioning the Homeless City*. Oxford: Wiley-Blackwell.

Cooke, P. (1985) "Class Practices as Regional Markers: A Contribution to Labour Geography," in D. Gregory and J. Urry (eds.), *Social Relations and Spatial Structures*. London: MacMillan.

Crysler, G. (2003) *Writing Spaces: Discourses of Architecture, Urbanism, and the Built Environment, 1960-2000*. New York: Routledge.

Darling, E. (2012) "Neil Smith 1954-2012," *Dialectical Anthropology*, on line DOI 10.1007/s10624-012-9285-7.

Dobson, J. (2012) "Karen Morin's Gendered 'Geography'," *Geographical Review* 102, 541-43.

Gilmore, R. (1994) "Capital, State and the Spatial Fix: Imprisoning the Crisis at Pelican Bay," unpublished paper, Department of Geography, Rutgers University.

Glick, T. (1983) "In Search of Geography," *Isis* 74, 92-97.

Godlewska, A. and Smith, N. (eds.) (1994) *Geography and Empire: Critical Studies in the History of Geography*. Oxford: Basil Blackwell.

Hartshorne, R. (1961 ed.) *The Nature of Geography: A Critical Survey of Current Thought in Light of the Past*. Lancaster, PA: Association of American Geographers.

Harstock, N. and Smith, N. (1979/80) "On Althusser's Misreading of the 1857 Introduction," *Science and Society* 43, 486-89.

Harvey, D. (1969) *Explanation in Geography*. London: Edward Arnold.

Harvey, D. (1983) "Owen Lattimore: A Memoire," *Antipode* 15 (3), 1-11.

Harvey, D. (1984) "On the History and Present Condition of Geography: A Historical Materialist Manifesto," *Professional Geographer* 36, 1-11.

- Harvey, D. (2012) Remembrance in D. Cowen *et al* "Neil Smith: A Critical Geographer," *Environment and Planning D: Society and Space* 30, 947-62.
- Herod, A. (1991) "The Production of Scale in United States Labour Relations," *Area* 23, 82-88.
- Herod, A. (1992) *Workers as Geographers: The Production of Space in the East Coast Longshore Industry Since 1955*, PhD dissertation, Department of Geography, Rutgers University.
- Herod, A. (2001) *Labor Geographies: Workers and the Landscapes of Capitalism*. New York: Guilford.
- Herod, A. (2005) Review of *American Empire*, *Area* 37, 457-58.
- Hoyt, H. (1933) *One Hundred Years of Land Values in Chicago*. Chicago: University of Chicago Press.
- James, C.L.R. (1993) *Beyond a Boundary* Durham, NC: Duke University Press.
- Katz, C. (1991) "A Cable to Cross a Curse," unpublished paper.
- Katz, C. (1998) "Lost and Found in the Posts: Addressing Critical Human Geography," *Environment and Planning D: Society and Space* 16, 257-78.
- Kuhn, T. (1962) *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press.
- Lees, L., Slater, T. and Wyly, E. (2008) *Gentrification*. London: Routledge.
- Lees, L., Slater, T., and Wyly, E. (eds.) (2010) *The Gentrification Reader*. London: Routledge.
- Lefebvre, H. (1976), *The Survival of Capitalism*. New York: Schocken Books.
- Leiss, W. (1974). *The Domination of Nature*. Boston: Beacon Press.
- Martin, G. (1980), *The Life and Thought of Isaiah Bowman*. Hamden, CT: Shoe String Press.
- Porter, M. (2002) "Lost in the Shadows: the History of the Columbia University Geography Department," unpublished paper, Department of Earth and Environmental Sciences, Graduate Center, City University of New York.
- Pratt, G. (2004) "Editor's Announcement," *Environment and Planning D: Society and Space* 22, 1-2.
- Rameau, M. (2012) Remembrance in D. Cowen *et al* "Neil Smith: A Critical Geographer," *Environment and Planning D: Society and Space* 30, 947-62.
- Schaefer, F. (1953) "Exceptionalism in Geography: A Methodological Examination," *Annals of the Association of American Geographers*, 43, 226-45.
- Schaffer, R. and Smith, N. (1986) "The Gentrification of Harlem?" *Annals of the Association of American Geographers* 76, 347-65.
- Schmidt, A. (1971) *The Concept of Nature in Marx*. London: New Left Books.

Slater, T. (2012) "Rose Street and Revolution: A Tribute to Neil Smith, 1954-2012," available at: <http://www.geos.ed.ac.uk/homes/tslater/tributetoNeilSmith.html>

Smith, N. (1977a) *The Return from the Suburbs and the Structuring of Urban Space: State Involvement in Society Hill, Philadelphia*, Undergraduate Dissertation, Department of Geography, St. Andrews University.

Smith, N. (1977b) "Symbol, Space and the Bicentennial," *Antipode* 9(2), 76-83.

Smith, N. (1979a) "Gentrification and Capital: Theory, Practice and Ideology in Society Hill," *Antipode* 11(3), 24-35.

Smith, N. (1979b) "Geography, Science and Post-Postivist Modes of Explanation," *Progress in Human Geography* 3, 356-83.

Smith, N. (1979c) "Toward a Theory of Gentrification: A Back to the City Movement by Capital not People," *Journal of the American Planning Association* 45, 538-48.

Smith, N. (1980) "Symptomatic Silence in Althusser: The Concept of Nature and Unity of Science," *Science and Society* 44, 53-81.

Smith, N. (1982a) "Gentrification and Uneven Development," *Economic Geography* 58, 139-55.

Smith, N. (1982b) "Theories of Underdevelopment," *Professional Geographer* 34, 332-37.

Smith, N. (1982c) *Uneven Development: The Production of Nature under Capitalism*, PhD Dissertation, Department of Geography and Environmental Engineering, Johns Hopkins University

Smith, N (1984a) "Deindustrialization and Regionalization," *Papers of the Regional Science Association* 54, 113-28.

Smith, N. (1984b) "Isaiah Bowman: Political Geography and Geopolitics," *Political Geography Quarterly* 3, 69-76.

Smith, N. (1984c) *Uneven Development: Nature, Capital, and the Production of Space*. Oxford: Basil Blackwell.

Smith, N (1986a) "Bowman's New World and the Council on Foreign Relations," *Geographical Review* 76, 438-60.

Smith, N. (1986b) "On the Necessity of Uneven Development," *International Journal of Urban and Regional Research* 9, 87-104.

Smith, N. (1986c) "The ESRS Changing Urban and Regional Systems Initiative," *Environment and Planning A* 18, 995-96.

Smith, N. (1986d) "Uneven Development and the Geography of Modernity," *Social Concept* 4, 67-90.

Smith, N. (1987a) "'Academic War Over the Field of Geography': The Elimination of Geography at Harvard," *Annals of the Association of American Geographers* 77, 155-72.

- Smith, N. (1987b) "Dangers of the Empirical Turn: Some Comments on the CURS Initiative," *Antipode* 19, 59-68.
- Smith, N. (1987c) "Gentrification and the Rent Gap," *Annals of the Association of American Geographers* 77, 462-65.
- Smith, N. (1987d) "Of Yuppies and Housing: Gentrification, Social Restructuring and the Urban Dream," *Environment and Planning D: Society and Space* 5, 151-72.
- Smith, N. (1987e) "Rascal Concepts, Minimalizing Discourse and the Politics of Geography," *Environment and Planning D: Society and Space* 5, 377-83.
- Smith, N. (1987f) "Rehabilitating a Renegade: The Geography and Politics of Karl August Wittfogel," *Dialectical Anthropology* 12, 127-36.
- Smith, N. (1988a) "For a History of Geography," *Annals of the Association of American Geographers* 78, 159-63.
- Smith, N. (1988b) "Regional Adjustment or Restructuring?" *Urban Geography* 9, 318-24.
- Smith, N. (1988c) "The Region is Dead! Long Live the Region!" *Political Geography Quarterly* 7, 141-52.
- Smith, N. (1988d) "The Short American Century," *Studies in Comparative International Development* 23, 38-46.
- Smith, N. (1989a) "Expertise: Making M/other Nature," *Artforum* 28 (4), 17-18.
- Smith, N. (1989b) "Geography as Museum: Conservative Idealism in 'The Nature of Geography,'" in J.N. Entrikin and S. Brunn (eds.) *Reflections on Richard Hartshorne's "The Nature of Geography"*, Occasional Papers of the Association of American Geographers, 89-120.
- Smith, N. (1989c) "Tompkins Square: Riots, Rents, and Redskins," *Portable Lower East Side* 6, 1-36.
- Smith, N. (1990a) "Tompkins Square Park Timeline," in *New York City Tableaux: Tompkins Square*. New York: Exit Art, 14-20.
- Smith, N. (1990b), *Uneven Development: Nature, Capital, and the Production of Space* (2nd edn.). Oxford: Blackwell.
- Smith, N. (1991a) "Housing: Gentrification, Dislocation and Fighting Back," in B. Wallis (ed.), *If You Lived Here: The City in Art, Theory and Social Activism – A Project by Martha Rosler*. Seattle: Bay Press, 108-114.
- Smith, N. (1991b) "What's Left? A Lot's Left," *Antipode* 23, 406-418.
- Smith, N. (1992a) "Contours of a Spatialized Politics: Homeless Vehicles and the Production of Geographical Scale," *Social Text* 33, 54-81.
- Smith, N. (1992b) "New City, New Frontier: The Lower East Side as Wild West," in Michael Sorkin (ed.), *Variation on a Theme Park: The New American City and the End of Public Space*. New York: Hill and Wang, 61-93.

- Smith, N. (1992c) "Real Wars, Theory Wars," *Progress in Human Geography* 16, 257-71.
- Smith, N. (1993) "Homeless/Global: Scaling Places," in J. Bird *et al* (eds.), *Mapping the Futures: Local Cultures, Global Change*. London: Routledge, 87-119.
- Smith, N. (1994) "Geography, Empire and Social Theory," *Progress in Human Geography* 18, 491-500.
- Smith, N. (1995a) "Gentrifying Theory," *Scottish Geographical Magazine* 111, 124-36.
- Smith, N. (1995b) "Trespassing the Future," *Environment and Planning D: Society and Space* 13, 505-6.
- Smith, N. (1996a) "After Tompkins Square Park: Degentrification and the Revanchist City," in A. King (ed.), *Re-Presenting the City: Ethnicity, Capital and Culture in the 21st Century Metropolis*. London: Macmillan, 93-107.
- Smith, N. (1996b) "Rethinking Sleep," *Environment and Planning D: Society and Space* 14, 505-6.
- Smith, N. (1996c) "Social Justice and the New Urbanism: The Revanchist City," in E. Swyngedouw and A. Merrifield (eds.), *The Urbanization of Injustice*. London: Lawrence and Wishart, 117-36.
- Smith, N. (1996d) "Space of Vulnerability: The Space of Flows and the Politics of Scale," *Critique of Anthropology* 16, 63-77.
- Smith, N. (1996e) *The New Urban Frontier: Gentrification and the Revanchist City*. New York: Routledge.
- Smith, N. (1996f) "The Production of Nature," in G. Robertson and M. Mash (eds.), *FutureNatural*. London: Routledge, 35-54.
- Smith, N. (1996g) "The Revanchist City – New York's Homeless Wars," *Polygraph* 8, 44-63.
- Smith, N. (1997) "The Satanic Geographies of Globalization: Uneven Development in the 1990s," *Public Culture* 10 (1), 169-89.
- Smith, N. (1998a) "El Niño Capitalism," *Progress in Human Geography* 22, 159-63.
- Smith, N. (1998b) "Giuliani Time," *Social Text* 57, 1-20.
- Smith, N. (2000b) "What Happened to Class?" *Environment and Planning A* 32, 1011-32.
- Smith, N. (2000c) "Who Rules This Sausage Factory?" *Antipode* 32, 330-39.
- Smith, N. (2001a) "Ashes and Aftermath," *The Arab World Geographer* 4, 81-84.
- Smith, N. (2001b) "Scales of Terror and the Resort to Geography: September 11, October 7," *Environment and Planning D: Society and Space* 19, 631-37.
- Smith, N. (2002a) "Ashes and Aftermath," *Philosophy & Geography* 5, 9-12.
- Smith, N. (2002b) "Ashes and Aftermath," *Studies in Political Economy* 67, 7-12.

- Smith, N. (2002c) "Scales of Terror: The Manufacturing of Nationalism and the War for US Globalism," in S. Zukin and M. Sorkin (eds.), *After the World Trade Center*. New York: Routledge, 97-108.
- Smith, N. (2003) *American Empire: Roosevelt's Geographer and the Prelude to Globalization*. Berkeley: University of California Press.
- Smith, N. (2005a) "Geographers, Empires and Victims: A Response," *Political Geography* 24, 263-66.
- Smith, N. (2005b) "Neo-Critical Geography, Or, The Flat Pluralist World of Business Class," *Antipode* 37, 887-99.
- Smith, N. (2005c) "The Bush Hurricane," *Clarion*, October, 9.
- Smith, N. (2005d) *The Endgame of Globalization*. New York: Routledge.
- Smith, N. (2005e) "There's No Such Thing as a Natural Disaster" (<http://understandingkatrina.ssrc.org/Smith/>)
- Smith, N. (2005f) "There's No Such Thing as a Natural Disaster," *Designer/Builder*, November/December 33-35.
- Smith, N. (2006a) "Nature as Accumulation Strategy," *Socialist Register* 43, 16-36.
- Smith, N. (2006b) "On Liberalism: A Response," *Political Geography* 25, 37-41.
- Smith, N. (2006c) "The Endgame of Globalization," *Political Geography* 25, 1-14.
- Smith, N. (2007) "Disastrous Accumulation," *South Atlantic Quarterly* 106, 769-87.
- Smith, N. (2008a) "Comment: Neo-liberalism – Dead but Dominant," *Focaal: European Journal of Anthropology* 51, 155-57.
- Smith, N. (2008b) "Neoliberalism is Dead, Dominant, Defeatable – then What?" *Human Geography* 1 (2),
- Smith, N. (2008c) "Zur Kapitalistischen Produktion von Natur," *Das Argument* 279, 873-78.
- Smith, N. (2010) "The Revolutionary Imperative," *Antipode* 41 (s.1), 50-65.
- Smith, N. (2011) "Uneven Development Redux," *New Political Economy* 16, 261-65.
- Smith, N. and Cowen, D. (2010) "Martial Law in the Streets of Toronto: G20, Security and State Violence," *Human Geography*, 3 (3), 29-46.
- Smith, N. and Desbiens, C. (1999) "The International Critical Geography Group: Forbidden Optimism," *Environment and Planning D: Society and Space* 17, 379-82.
- Smith, N. and Dennis, W. (1987) "The Restructuring of Geographical Scale: The Coalescence and Fragmentation of the Northern Core Region," *Economic Geography* 63, 160-82.
- Smith, N. and Katz, C. (1992) "LA Intifada: Interview with Mike Davis," *Social Text* 33, 19-33.

Smith, N. and Katz, C. (1993) "Grounding Metaphor: Towards a Spatialized Politics," in M. Keith and S. Pile (eds.) *Place and the Politics of Identity*. London: Routledge, 67-83.

ERRATA

- No artigo *Análise das alterações antropogeomorfológicas na Bacia do Rio Cabeça (SP) a partir do uso de geoindicadores*, de autoria de Melina de Melo Silva e Cenira Maria Lupinacci, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *O espaço de batalha urbana na cidade do Rio de Janeiro*, de autoria de Márcio José Mendonça, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *A percepção ambiental enquanto ferramenta para pensar o meio no ensino de geografia*, de autoria de Aldeíze Bonifácio da Silva, Marcela Albino do Nascimento e Maria Francisca Jesus Lírio Ramalho, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, e no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *Ensino-aprendizagem do saber religião em Geografia*, de autoria de Diego Salomão Candido de Oliveira Salvador e Roseane Richele de Medeiros, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *Técnicas de sensoriamento remoto para análise temporal do espelho d’água da Lagoa Grande na cidade de Sete Lagoas – MG*, de autoria de Fernanda Mara Coelho Pizani, Max Paulo Rocha Pereira, Matheus Miranda da Silva e Marcos Antônio Timbó Elmiro, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *Geografia, escalas e a lua: do geocentrismo à ontologia*, de autoria de Jahan Lopes, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *A favor da metrópole, contra a metrópole: uma perspectiva lefebvriana da contrarrevolução urbana*, de autoria de Renan dos Santos Sampaio, publicado na revista *Geografias*, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No documento *Apresentação do dossiê de traduções: Neil Smith e a história da Geografia anglo-saxã*, de autoria de João Alves de Souza Neto, Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim e Larissa Alves de Lira, publicado na revista *Geografias*, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *Neil Smith, 1954-2012. Geografia Radical, Geógrafo Marxista, Geógrafo Revolucionário*, de autoria de Paulo Bomfim; Clarissa Cavalcante e Rosana de Campos Fernandes, publicado na revista *Geografias*, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *“Guerra Acadêmica no Campo da Geografia”: A Eliminação da Geografia em Harvard, 1947-1951*, de autoria de Fernando José Coscioni, publicado na revista *Geografias*, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *O novo mundo de Bowman e o Conselho de Relações Exteriores*, de autoria de Carlos Geraldino, publicado na revista *Geografias*, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *Geografia como museu: história privada e idealismo conservador em The Nature of Geography*, de autoria de Larissa Alves de Lira, publicado na revista *Geografias*, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *Por uma História da Geografia: Resposta aos Comentários*, de autoria de Rafael Augusto Andrade Gomes, publicado na revista *Geografias*, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *A geografia neocrítica, ou o mundo plano e pluralista da classe executiva*, de autoria de Breno Viotto Pedrosa, publicado na revista *Geografias*, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *A diversão da cultura a política da geografia cultural*, de autoria de João Souza, publicado na revista *Geografias*, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas: Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”